

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
ALINE DA SILVA PEDROSA

**HOMENS IDOSOS AVÔS:
SIGNIFICADO DOS NETOS PARA O COTIDIANO**

SÃO PAULO – SP
2006

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

ALINE DA SILVA PEDROSA

**HOMENS IDOSOS AVÔS:
SIGNIFICADO DOS NETOS PARA O COTIDIANO**

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Gerontologia do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Ruth Gelehrter da Costa Lopes.

SÃO PAULO – SP
2006

BANCA EXAMINADORA:

DEDICATÓRIA

Aos meus avós, Jurema e Lauro, fonte de inspiração para a definição deste tema.

À minha mãe Consolação e ao tio Carlos que, mesmo à distância, incentivavam-me na busca de aprimorar os conhecimentos. Nossas conversas me levaram a mergulhar e refletir a respeito dos meus interesses sobre a Gerontologia.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por sua providência diária e feitos antes e durante a realização do mestrado.

À minha professora, orientadora e amiga Dra. Ruth Gelehrter da Costa Lopes, por sua acolhida e escuta nesse processo de construção da dissertação. Com sua experiência e dedicação, a elaboração da pesquisa tornou-se um prazeroso artesanato.

Aos professores do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia.

Às professoras e amigas Dra. Elisabeth Frölich Mercadante, coordenadora do Programa, e Dra. Beltrina P. Côrte, pela acolhida, atenção, incentivo à pesquisa e abertura às possibilidades e aplicações das diferentes áreas do conhecimento da Gerontologia.

À professora Dra. Suzana Aparecida da Rocha Medeiros, por seu exemplo de vida, dedicação ao trabalho, amizade e ensinamentos.

À professora Dra. Maria Lucia Carvalho, pela atenção, amizade e experiência partilhada durante o curso.

À professora, supervisora e amiga Dra. Delia Catullo Goldfarb, por sua disponibilidade e abertura, possibilitadoras de novas reflexões e incentivo à pesquisa.

À Manoela A. Ballester, secretária do Programa de Gerontologia, por sua amizade, atenção e orientação nos procedimentos burocráticos desde o início do curso.

Ao NPPI (Núcleo de Pesquisas em Psicologia e Informática), que paralelamente ao processo de mestrado, proporcionou-me uma aproximação com novas possibilidades de atuação na Psicologia, especialmente aos coordenadores Profa. Dra. Rosa Farah e Prof. Dr. Lourival Campos Novo.

Ao padre Fabrizio Meroni, diretor do Centro de Cultura e Formação Cristã, em Belém-PA, que desde o início tem acompanhado meu desenvolvimento intelectual e acadêmico, bem como possibilitado reflexões sobre o meu amadurecimento profissional.

À família Militão, especialmente ao casal Jair e Tereza, pela acolhida, amizade desinteressada, direcionamentos, incentivos, que no início foram “divisores de águas”. Suas orientações me fizeram enxergar a Gerontologia como área de atuação.

A todos os familiares, em especial tia Alice e primas Analice e Aryane, que, durante minha estadia em São Paulo, foram apoio fundamental. À tia Nazaré, por seus incentivos.

À D. Lydia, por sua hospitalidade e constante preocupação, atenção e carinho dispensados durante o período final de elaboração deste trabalho, e à Leidivan, pelas horas de conversas que ajudaram a pensar sobre diferentes condições de vida do povo brasileiro.

Aos amigos que moram em Belém e aos de São Paulo, pelo ombro e paciência nas horas difíceis. Vivian e Lícia Lobato, Márcia Lima, Patrícia e Daniel Corradini, Ana Lúcia Souza, Livia e Marcelo Carvalho, que me acolheram nas horas principais. Érika, Laura, Lorena, Floriana, Eglê, Márcio, Patrícia Peretti e Vanessa, por me acompanharem em vários momentos durante o mestrado.

Aos colegas e veteranos do curso de Gerontologia, novas amizades conquistadas, em especial Áurea, Ling, Bernadete, Cristina, Marlene, Elisabete, Iara, Maria Amélia.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES/MEC, que financiou parte deste mestrado.

E finalmente, aos avôs da pesquisa, que aparecem no final desta lista, por descortinarem o estudo que desenvolvi. Agradeço a todos os incentivos e conhecimentos que recebi.

Vovô Joãozinho não era meu avô biológico, mas meu avô de coração e de fato, o único que conheci. Era o vovô que contava histórias, muitas histórias, que fazia dormir cantando músicas de ninar, que levava ao Zoológico – adorávamos o Zoológico do Rio – que escrevia cartas e desenhava cartões (Vera Tess sobre João Guimarães Rosa).

RESUMO

O envelhecimento masculino e a avosidade são temas pouco estudados. A Gerontologia mostra-se como uma área propiciadora para que estas temáticas sejam mais exploradas. No entanto, a presença dos avôs no processo educativo e formativo dos netos é um fato e remete-nos a uma reorganização dos núcleos familiares. Pretende-se apreender como o idoso interpreta a relação avô-neto, o intercâmbio de experiências entre gerações e os sentimentos que se evidenciam no dia-a-dia. Considerando que a avosidade é um fenômeno singular e pessoal, por meio de entrevistas pretendeu-se uma compreensão dos significados, valores e expressões. A pesquisa revelou que a avosidade está associada a um forte sentimento de paternidade. Os avôs demonstram uma enorme satisfação na relação com os netos.

Palavras-chave: envelhecimento masculino, avosidade, relação com os netos.

ABSTRACT

Masculine aging and grandparenthood are poorly studied themes. Gerontology presents itself as an instigative area for these thematics to be more explored. However, the presence of grandfathers in the educational and formative process of the grandchildren is a fact and refers us to a reorganization of the family nucleus. This research is intended to apprehend how the elderly interprets the grandfather-grandchild relationship, the exchange of experiences between generations, and the feelings which become evident on the daily routine. Considering that grandparenthood is a singular and personal phenomenon, by means of interviews this research was intended to gain some comprehension of meanings, values, and expressions. The research revealed that grandparenthood is associated to a strong feeling of parenthood. Grandfathers demonstrate great satisfaction in the relationship with their grandchildren.

Key-words: masculine aging, grandparenthood, relationship with the grandchildren.

SUMÁRIO

TERRA DE QUEM.....	11
1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA	16
1.1 O Ser Masculino.....	17
1.2 A Velhice para o Homem.....	23
1.2.1 Aposentadoria	28
1.3 Tornar-se Avô	33
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	43
3 ANÁLISE DOS DADOS	50
NEM PARA TRÁS, NEM PARA A FRENTE, MAS PARA O LADO	89
“TERRA DE NINGUÉM...”	94
REFERÊNCIAS	100
OBRAS CONSULTADAS	105
APÊNDICES	112

Sinto-me como se estivesse introduzindo pilares para levantar uma construção. Examino o terreno, dimensiono os espaços e defino o material a ser empregado.

A analogia me ajuda a explicitar o movimento de definição do tema da pesquisa e só agora percebo quantas restrições foram necessárias para poder levá-la a cabo.

O número de estudos realizados sobre o envelhecimento do homem idoso é significativamente pequeno, sendo ainda menor os que envolvem as particularidades às quais esta pesquisa se propõe: uma reflexão sobre a avosidade¹ masculina.

O interesse pelo tema – a avosidade masculina – se deu a partir da minha trajetória de vida, motivada por uma convivência intensa com pessoas idosas e uma perda significativa.

Apreendi a lidar com fatos que levaram-me a entender, desde minha primeira infância, a importância da vida e sua efemeridade. Meu pai, aos 23 anos de idade, após uma prova de resistência no serviço militar, foi internado subitamente em um hospital, falecendo em menos de 48 horas. Nessa época, eu contava apenas com três anos de idade e, como minha mãe, meus avós maternos passaram a ser forte referência. Assim, lidar com a morte e com o envelhecimento desde a infância tem sido uma constante busca de significados sobre o entendimento da vida. Não negar a fragilidade humana e encarar cada desafio por ela posto, tornando essas inquietações mobilizadoras, transformaram-se numa maneira saudável de enfrentar o inesperado.

¹ O termo “avosidade”, para Paulina Redler, remete-se não a uma idade cronológica, mas a um laço de parentesco “abuelidad a la estructuración psíquica del ser humano ubicado en el orden de las filiaciones en situación trigeracional personal, familiar y social” (REDLER, 1986,p.10).

Após essa perda, meu avô assumiu-me como filha e assim ocupa o lugar de pai até hoje. Morava entre cinco adultos. Algumas vezes me encontrava perdida e em outras, protegida. Passei por vários processos de adaptações nessa família, até encontrar o meu verdadeiro lugar: ora filha, ora neta, ora aquela que era o depositário dos desejos dos adultos com os quais convivia.

De alguma maneira reproduzo aqui este cenário. Ao tratar das questões da transitoriedade da existência humana, relacionando-as ao dar-se conta do próprio processo de envelhecimento, abordo temas intrinsecamente vinculados ao meu cotidiano e à fugacidade da vida.

“Ao envelhecer, o indivíduo é forçado a se deparar com alterações físicas e psicológicas, em si próprio, e também com mudanças nas suas possibilidades de atuação no mundo, especialmente no que se refere a seu lugar na estrutura familiar”. (LOPES; CALDERONI, 2002, p.99).

Como falar de avôs e netos é uma temática que não se esgota, esta pesquisa se concentrará apenas nas relações que possuem uma convivência intensa e significativa entre o avô e seu neto.

Antoun ressalta:

“Para muitos é um privilégio ser avô ou avó, outros entram em conflitos, não gostam, não curtem ou não estão preparados para essa condição, às vezes nova, às vezes muito velha. Existem avós ricos e pobres, de dinheiro, de sentimentos, de contato; avós que negam, renegam os netos das mais variadas formas. Temos avós inesperados (de uma gravidez inesperada, não programada ou desejada). Existem, ainda, aqueles que querem ser avós, pressionam os filhos, criam expectativas e anseiam pelo momento sublime do nascimento do neto. Encontramos mães e pais adolescentes, pré-adolescentes e adultos; avós de meia-idade e avós idosos”. (2004, p.13).

Oliveira (1999, p.23) confirma a riqueza desse intercâmbio, ao comentar que “no convívio entre avós e netos, as transformações que se operam são múltiplas e recíprocas”, mesmo que muitas vezes estas relações procedam de inúmeras situações, como separação do casal, morte de um dos membros do par ou exigências da jornada de trabalho, entre outros fatores.

O mesmo autor não idealiza os novos arranjos domésticos, assimilando os conflitos que emergem de situações inesperadas: como lidar com a presença dos netos e dar sentido à relação? “A própria presença física, com as crianças ali, cara-a-cara com os avós, os compele a percorrer mundos e fundos na busca de força e alento”. (OLIVEIRA, 1999, p.23).

A relevância de levantar os significados da avosidade no homem introduz-nos ao que pode significar para o gênero masculino a relação avô e neto.

Com base nas primeiras inquietações apresentadas na Introdução “Terra de Quem...”, o trabalho terá os seguintes capítulos: o primeiro, Contextualização do Tema, abará o envelhecimento masculino aprofundando questões relacionadas a gênero, processo de aposentadoria e a avosidade, sob o ponto de vista antropológico e da construção da subjetividade a partir dos significados cotidianos.

No segundo capítulo, “Procedimentos Metodológicos”, descrevo o caminho percorrido e o processo desenvolvido durante a pesquisa, bem como os imprevistos surgidos. Para tal, fez-se necessária uma organização dos procedimentos para uma posterior análise das entrevistas.

No terceiro capítulo, “Análise dos Dados”, descreverei o cenário dos avôs entrevistados. Analisarei e interpretarei os dados, evidenciando suas falas, seus silêncios, risadas, enfim, as emoções suscitadas a partir de seus depoimentos.

Segue o capítulo “Nem para trás, nem para frente, mas para o lado”, no qual faço alguns apontamentos sobre resultados da pesquisa e, finalmente, o capítulo “Terra de Ninguém”, no qual traço reflexões, bem como percepções suscitadas ao final deste estudo.

1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA

Início o capítulo refletindo sobre questões relativas ao homem como gênero. Sigo estabelecendo relações entre a aposentadoria na velhice e, finalmente, abordo a voz para o segmento masculino.

1.1 O SER MASCULINO

Pensar no homem geralmente nos remete às questões ou atividades culturalmente atribuídas à masculinidade, como racionalidade lógica, prática, força física, virilidade e objetividade. Muitas vezes essas características adquirem um sentido pejorativo, como aquele que está preocupado com interesses relacionados ao espaço público, fora do contexto familiar, buscando unicamente a satisfação própria.

Seria uma imposição de nossa cultura? Pensamentos incorporados entre os próprios homens abafam a sensibilidade, o afeto e os conflitos considerados características associadas à feminilidade.

Diante da reflexão sobre a masculinidade, as possibilidades subjetivas, de se haver com dualidades, conflitos internos, ficam inviabilizadas de ser exibidas.

A literatura expõe personagens que ilustram aspectos relacionados a este panorama: Dr. Fausto, de Goethe², e Dom Quixote, de Cervantes³.

Estas obras possibilitam mergulhar em vários aspectos que cercam a profundidade da existência humana. Aproveitarei para ilustrar as imagens masculinas, vitalizando as

² GOETHE, W. Fausto. 2003.

³ CERVANTES, M. Dom Quixote. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

conquistas como expressão da intensa luta pela virilidade em contraposição aos sentimentos identificados com a feminilidade.

Em Fausto, observamos um homem movido pela vaidade intelectual se entregar à conquista do saber pleno. Após muitos anos de estudos, Mefistófeles aparece-lhe dizendo que ainda não sabe tudo: apesar de toda a sua ciência, desconhecia as paixões que sua humanidade poderia lhe proporcionar. A partir daí busca freneticamente o outro conhecimento; mas antes de se aventurar apaixona-se pela mocidade de Margarida e sob a condição de entregar sua alma a Mefistófeles, volta a ser jovem para assim conquistá-la; e por esse mesmo amor arrepende-se de seus maus feitos. O próprio autor, em seu prólogo, reflete sobre a figura de Fausto: “O que foi, torna a ser. O que é, perde existência. O palpável é nada. O nada assume essência”. (GOETHE, 2003).

Já em Dom Quixote, acompanhamos um homem movido pelas histórias que leu de cavalaria, identificando-se com as figuras dos heróis. Cada aventura dedicada a Dulcinéia, sua amada idealizada. Perdido em suas ilusões, dia a dia, juntamente com seu fiel escudeiro, Sancho Pança, ia encontrando novas formas de viver a realidade cotidiana.

Ao final da história, já em sua velhice, abatido pelas duras lutas, volta à lucidez e ocorre um retorno ao sentido de sua verdadeira identidade. Ao reassumi-la, os que o cercavam e acompanharam suas ilusões e delírios resistem em aceitar sua identidade relacionada a aspectos normalmente associados à fragilidade.

“– Amigos – disse Dom Quixote – eu estive louco, fui louco, não sou mais. Fui Dom Quixote, voltei a ser Alonso Quixano. Quero que vejais em mim apenas o bom Alonso Quixano [...]”. (CERVANTES, 2005, p.185).

São inúmeras as possibilidades de interpretação de uma obra literária. Em ambas, Fausto e Dom Quixote, observamos os desejos de desafio do desconhecido voltado à expressão da virilidade.

O que seria a necessidade de se expor à prova, constantemente? Vale considerar que as características atribuídas ao homem também são encontradas em mulheres, porém baseada na proposta do presente estudo vou me deter sobre associações relativas ao gênero masculino.

A maneira como se expressam estas relações variam de cultura para cultura.

Como enfatiza Gilmore:

“Al encontrar muchas similitudes subterráneas en las cualidades que se esperan de hombres y mujeres, llegó a la conclusión de que las diferentes culturas sólo representan un barniz simbólico que dissimula una base común de pensamiento sexual”. (1994, p.22).

Salienta também que desde a infância existem determinações que apontam para atividades masculinas e para as femininas, seguindo os padrões da sociedade em que o sujeito se encontra.

“Tanto los niños como las niñas atraviesan las mismas pruebas de separación, automotivación, estímulo y premio, y protopersonalidad; y ambos se vuelven receptivos a las demandas sociales de conducta apropiada de acuerdo com su sexo”. (idem, 1994, p.36).

A questão de gênero evidencia disputas entre homens e mulheres colocando-os como opostos. Assim como Scatena penso que a questão não está relacionada apenas a uma oposição:

“Gênero e identidade oferecem uma complexidade que exige um entendimento em vários níveis de reflexão, o que pressupõe uma reflexão sobre a ‘diferença’ nas práticas cotidianas, na elaboração do discurso no processo de socialização e na construção da identidade social de gênero”. (2001, p.50).

As relações sociais dos homens se desenvolvem geralmente em torno de brincadeiras que sugerem disputas, desafios, agressividade, posteriormente se refletindo no ambiente de trabalho.

“Nas sociedades produtivas, o homem geralmente deposita suas expectativas no mundo do trabalho e avalia seu ‘sucesso’ também pelo desempenho sexual. Angustia-se para enquadrar-se no papel do macho tradicional: frio, seguro, corajoso, bem-sucedido, agressivo e provedor. É exatamente assim que começam as associações – positivas ou não – entre masculinidade, sexualidade e poder”. (FERIANCIC, 2003, p.64).

O pensamento que abrange a sua virilidade tem-se tornado cada vez mais evidente, pois “o modelo de masculinidade, que se encontra estabelecido na nossa sociedade, valoriza acentuadamente certos valores e crenças, que não permitem ao homem desempenhar novos papéis e funções consideradas exclusivamente femininas”. (MARDEGAN JÚNIOR, 1993, p.34).

A divisão sexual do trabalho é construída culturalmente, a partir das diferenças biológicas, não se restringindo apenas ao que seja “natural”, mas aos fatores aprendidos nas relações, que vão se definindo como funções masculinas ou femininas.

Mesmo entre os diferentes padrões sociais existe o que é próprio dos homens e o que é próprio das mulheres, como, por exemplo, os cuidados com as crianças nos primeiros

momentos da existência, atribuídos às fêmeas. É claro que estes padrões podem ser modificados, por meio das circunstâncias que se apresentam.

Durham comenta que,

“Reconhecer a existência de aspectos gerais da divisão sexual do trabalho e a generalidade da dominância masculina não implica aceitar que a submissão da mulher seja um fenômeno universal. A própria extensão da divisão sexual do trabalho estabelece alto grau de mútua dependência entre mulheres e homens que não se restringe à satisfação sexual, mas que é essencial ao bem-estar e mesmo à sobrevivência econômica de ambos”. (1983, p.19).

A divisão social do trabalho interfere nas maneiras de conceber o mundo; Maciver e Page (1973) observam que a sociedade se funda na diferença tanto quanto nas semelhanças.

A partir das diferenças é importante pensar sobre uma possível complementaridade, pois concebendo o trabalho como um processo de cooperação e não apenas como divisão, abre-se a necessidade dos seres sociais organizarem-se a fim de partilhar interesses comuns, considerando sempre suas diferenças no que se refere às suas funções e desejos.

Na família, cada membro possui um determinado grau de responsabilidade para sua constituição. Podem ser observadas alianças e rivalidades, disputas e interesses, sempre considerando que as semelhanças inter-relacionais que ocorrem no espaço que podemos denominar micro, procedem igualmente no macro, ou seja, nas relações sociais.

“O homem depende da sociedade para proteção, conforto, alimentação, educação, equipamento, oportunidade e o sem-número de serviços definidos que a sociedade proporciona. Ele depende dela para satisfazer seus pensamentos, seus sonhos, suas aspirações e até mesmo muitas de suas doenças do espírito e do corpo. Seu

nascimento na sociedade traz consigo a própria necessidade absoluta da sociedade”. (MACIVER; PAGE, 1973, p.121).

Nestas bases, observa-se o homem como agente criativo de sua própria vida. Trata-se de uma realidade social absorvida pelo sujeito que está situado no tempo e no espaço. Vários discursos elaborados pela sociedade foram construídos na relação com os outros, constituindo um processo de intersubjetividade.

Gilberto Velho considera que “a interação vista como processo social básico dá aos atores que interagem um papel de, não apenas agentes da reprodução, mas inventores da vida social”. (1989, p.50).

Tornam-se imprescindíveis a criatividade e a ressignificação dos valores e da cultura que o próprio homem se atribui. Recorremos às artes, em suas variadas manifestações, por considerá-las vias da expressão, ou seja, rebuscadas formas de revelar a subjetividade.

Em relação ao estudo que proponho, as reflexões acima, podem ser associadas à realidade subjetiva do homem que envelhece.

Assim, os homens, no meio social, geralmente convivem de maneira competitiva, sendo difícil muitas vezes admitir fragilidades por causa das exigências culturais da sociedade em que vive.

Nolasco diz que:

“Ao acompanharmos na mídia as razões que estariam levando os homens a viverem este processo de reflexão, encontraremos em algumas abordagens, de forma taxativa, que o feminismo seria o

movimento responsável pela deflagração desse movimento, mesmo sabendo que na literatura feminista os homens aparecem como categoria genérica, destituídos de singularidades e muitas vezes como opressores das mulheres”. (1993, p.19).

A questão é que a masculinidade tem suas bases no modelo do sistema capitalista. Minha intenção não é me deter nesta discussão, mas vale ressaltar que a subjetividade masculina está intrinsecamente relacionada ao trabalho. Ou seja, a função do homem ligada ao trabalho está relacionada ao sistema de produção social em que vivemos.

“Neste sentido, os homens vêm passando por transformações que o afetam diretamente nas definições que têm sobre sua participação na sociedade, questionam suas posições sociais através da apropriação de novos fazeres e repensam seus comportamentos diante de situações que os fazem reavaliar suas vidas e a maneira de se auto-reconhecerem”. (GODOY, 2004, p.48).

Ainda assim, prevalecem discursos que restringem sua atuação ao papel de provedor. Existem diversos chavões que expressam essa idéia: “a honra do homem é o trabalho” ou “onde há homens, mulher não trabalha”; ou seja, durante a maior parte de sua vida esteve à distância do lar, e com a chegada da aposentadoria emergem novos elementos a serem considerados.

O espaço público, para o homem moderno, tem um significado social importante. No processo de formação da subjetividade, o trabalho aparece como uma associação constante no que se refere à masculinidade.

1.2 A VELHICE PARA O HOMEM

O processo de envelhecimento envolve o declínio biológico, aspectos psicológicos e sociais. A partir da linguagem o ser humano significa sua existência e temporalidade.

“Na medida em que o ser humano é um ser de linguagem e de símbolos (conseqüentemente, um ser da/para a cultura), os fenômenos que lhe dizem respeito não podem ser compreendidos sem os significados que ele atribui ao mundo, aos outros e a si próprio: em outras palavras, não podem ser elucidados no âmbito estritamente biológico”. (PACHECO FILHO, 2002, p.73).

Assim, em relação ao homem idoso, vale considerar todas as questões do seu entorno, como aposentadoria, limitações para manter uma vida saudável, aprendizado sobre a utilidade do ócio para novas possibilidades, investimento em novos conhecimentos, projetos de vida, lazer e convivência com os netos. Mas não se pode ignorar a existência daquele velho que mora só, que lida com a solidão e com a rejeição implícita e explícita da sociedade. Os estudos que abordam estes aspectos não são agradáveis, mas fazem parte de uma realidade que não deve ser ignorada, como também as demências e demais processos de senilidade, aos quais o sujeito idoso pode ser exposto. Contudo, todas estas possibilidades devem ser motivo de investigação diante da percepção de próprio envelhecimento, bem como, diante daqueles que observam o envelhecimento do outro.

Beauvoir (1970), ao abordar a perda de amigos, parentes, pessoas mais jovens, convida a uma profunda reflexão sobre os reflexos dessas situações, no processo do envelhecimento.

As experiências relembradas com emoção podem ser favoráveis ou desfavoráveis, conforme os valores de dado momento histórico-cultural ou da experiência pessoal revivida. Também os acontecimentos da atualidade permitem novos olhares para esse passado; através da reflexão abrem-se possibilidades de construir projetos de vida.

“Cada presente, através de seu horizonte de passado imediato e de futuro próximo, apreende pouco a pouco a totalidade do tempo possível; ele supera assim a dispersão dos instantes, está em posição de dar seu sentido definitivo ao nosso próprio passado, e de reintegrar à existência pessoal até mesmo este passado de todos os passados que as estereotípias orgânicas nos fazem adivinhar na origem de nosso ser voluntário”. (MERLEAU-PONTY, 1996, p.126).

Há uma série de eventos relacionados às vivências e memórias que proporcionam um sentido para sua vida. “O passado e o futuro retiram-se e movem-se para a subjetividade numa busca, não de sustentação real, mas ao contrário, da possibilidade de ser, que esteja de acordo com sua natureza”. (MARTINS, 1998, p.14).

A capacidade de estabelecer distinções relacionadas a ele mesmo ocorre reunindo uma realidade ambígua: corpo e consciência. É no corpo que vivencia sua temporalidade, possibilitando pensar-se, ao mesmo tempo em que seu processo de envelhecimento acontece. “A união entre a alma e o corpo não é selada por um decreto arbitrário entre dois termos exteriores, um objeto, outro sujeito. Ela se realiza a cada instante no movimento da existência”. (MERLEAU-PONTY, 1996, p.131).

Há um movimento psíquico específico do sujeito idoso, a experiência da realidade temporal e a conseqüente brevidade existencial.

“A concepção de tempo é fundamental para o entendimento da vida humana que obedece irremediavelmente ao movimento que se inicia ao nascimento e culmina na morte. Esse tempo é vivenciado em um dado espaço e através de um corpo físico que também têm significados próprios”. (BARROS, 2004:42).

A psicanalista Lent (1993), referindo-se aos processos de transição psíquica, estabelece equivalência com as sensações mobilizadas num processo de migração; relaciona

essas mutações do estado psíquico, vivenciadas pelos sujeitos, a momentos desencadeadores de crises: “trata-se de uma específica confusão entre *não estar e não ser*” (p.37). Estabelecendo analogia com o envelhecimento podemos dizer que a pessoa encontrar-se na fronteira desses espaços “psis”: não se sente velha, mas os demais assim a denominam. Desta maneira, o processo de envelhecimento provoca uma sensação de desterritorialização. É nesse impacto o sujeito que envelhece poderá passar por adaptações, transformações e crises.

A imagem da velhice parece uma imagem “fora”, no espelho, que nos apanha quando é antecipada, do outro lado. E embora saibamos que “aquela” é a nossa imagem, nos produz uma impressão de inquietante estranheza, o apavorante ligado ao familiar: “o velho é o outro”. (GOLDFARB, 1998, p.53; MESSY, 1999, p.14).

A experiência do envelhecimento, comum a todos, independe da fase de desenvolvimento em que a pessoa se encontra. Conforme os psicanalistas citados no parágrafo anterior, ainda que este processo se dê continuamente, o velho sempre será o outro, ou seja, a experiência como uma observação é sentida quando o outro a aponta.

O psicólogo Sais, em sua pesquisa “Coisas de Velho: Coisas de Vida”, comenta:

“Vamos envelhecendo com os anos num contínuo vivencial, embora a percepção deste contínuo possa se dar aos saltos, com interrupções, cortes, estranheza. Portanto, o que nos pode cair sobre a cabeça são os modos como representamos nossas relações. Noutras palavras, estranhamos em nós o outro que não encontra um campo favorável à experimentação de sua singularidade. Não suportamos em nós o ‘estranho’, o que não tem reconhecimento em suas diferenças. Isto é, quando o velho não se sente, quando não se vê mais como objeto de desejo”. (1995, p.10).

Penso que há lugares desconhecidos a serem ocupados, desde que haja abertura a novas experiências, de acordo com o que foi construído durante a vida do sujeito, ou seja, a singularidade do processo do envelhecer se dá a partir das ressignificações que o sujeito atribui à sua própria história.

O envelhecimento, além de ser um fenômeno singular e pessoal, não é tão natural quanto parece. No aspecto do gênero também é diferente. Quero dizer que o envelhecimento do homem procede numa perspectiva diferente da mulher, por causa dos valores sociais aprendidos, mencionados no capítulo anterior.

“O envelhecimento masculino apresenta algumas peculiaridades que tem a ver com as transformações que tem passado o gênero masculino, atualmente. As representações que a sociedade tem dos homens enraízam-se por todas as idades e afetam singularmente a velhice”. (GODOY, 2004, p.47).

Desde pequeno e depois, na formação escolar, o homem é preparado primordialmente para desenvolver seu potencial competitivo e até mesmo agressivo.

“Os meninos são educados para desenvolverem seus pontos de vista competitivamente, e, neste sentido, pouco articulados com o ponto de vista do outro, bem como distantes das necessidades que brotam de seus corações”. (NOLASCO, 1995, p.43).

São padrões sociais que, apesar da emancipação feminina, ainda sustentam a divisão quanto ao gênero, definindo-se a partir dos modelos de masculinidade na família pela referência do pai e do avô.

Nos próximos subitens nos debruçaremos sobre aspectos que ganham intensidade específica, quando se trata do homem que envelhece: a aposentadoria e os cuidados com a saúde.

1.2.1 APOSENTADORIA

O homem que teve uma vida dedicada intensamente ao trabalho, em que desenvolveu suas capacidades profissionais e a estas se dedicou, ao chegar o período de aposentar-se, ou seja, de retirar-se do ambiente que viveu durante anos – local onde construiu suas relações sociais, satisfatórias ou não – terá que lidar com o afastamento de uma rotina à qual estava acostumado. Este fator pode gerar angústia que deve ser elaborada, a fim do sujeito em trânsito para uma nova situação lidar com as perdas.

“Aposentados, sem o trabalho a que se dedicaram durante longos anos de suas vidas, quase sempre, desenvolvem sintomas depressivos em face das dificuldades de refazerem seus projetos de vida de uma maneira socialmente útil. Com a auto-estima diminuída, tendem a debitar a si mesmos esse seu momento social como fracasso pessoal e não conseguem entender que esse é um processo socialmente produzido”. (PACHECO, 2004, p.219).

Contudo, o homem que adentra a categoria dos aposentados nem sempre aceita o fato de afastar-se do trabalho. Em alguns casos o substitui por outra ocupação, podendo ser remunerada ou voluntária. É o caso do “idoso socialmente ativo”. (LOPES, 1990, p.2).

“O idoso ativo é tanto aquele engajado numa atividade remunerada, como o que faz parte de um grupo de teatro amador, cuida dos netos, programa atividades de lazer, tem atividades esportivas, etc.

Enfim, uma atividade que faça sentido para ele e de relevância social" (idem, 1990, p.5).

Na verdade, a importância da aposentadoria é desviada de seu significado e de seu valor de acordo com as circunstâncias em que o sujeito se encontra: econômicas, afetivas, relacionais, de saúde, de cultura.

O que acontece com o homem quando retorna a um espaço não conquistado, após tantos anos?

Ao pensar no sujeito idoso homem, associado aos valores culturais da sociedade moderna, constato que o seu processo de envelhecimento implicará uma reorganização do seu cotidiano. Ainda considerando que a jornada de trabalho está associada à imagem do homem como provedor da família, e que suas aptidões são valorizadas principalmente fora do contexto familiar, é evidente que as mudanças atingirão aspectos da sua subjetividade, construída ao longo de tanto tempo. Como afirma Jablonski, existem "sentimentos de desconforto e de inadequação vivenciados pelos homens, aliados à pressão para evitar conflitos com as mulheres em suas demandas por uma maior igualdade (...)". (1999, p.66).

O trabalho, na maioria das vezes faz parte da identidade do sujeito, e romper bruscamente com isto pode desencadear um certo desnorreamento. Assim, é esperado que a família favoreça acolhimento ao idoso, o que muitas vezes não ocorre, a família pode não estar sensibilizada e/ou até mesmo preparada para lidar e vivenciar as transformações e ambivalências deste processo do seu retorno ao lar. "Ainda se aposta no suporte familiar, no amparo também a essa fase da vida, sem se refletir seriamente se esse núcleo doméstico está preparado para mais esse desafio". (LOPES, 2001, p.37).

Após tantos anos, dedicados à atividade profissional, tem de abandoná-la; esse desvinculamento não é fácil, e nem lidar com o tempo, que se torna mais extenso.

“O trabalho cumpre a função de nomear o mundo subjetivo dos homens, e o faz por meio de uma tentativa de eliminar o que nele há de duvidoso, impreciso e disforme” (NOLASCO, 1995, p.57). Há um certo distanciamento das singularidades, daquilo que diz respeito aos seus desejos, anseios e medos mais interiores. O trabalho marca sua vida assegurando sua satisfação.

“Quando o homem se retira desse universo, o do trabalho, através da aposentadoria, por exemplo, pode se instalar um momento de crise que se dá de modo mais intenso na sua subjetividade, visto que esse se retirar do mundo do trabalho significa um movimento de retirar-se do mundo público. Ou seja, do espaço social em que sua identidade recebeu os referenciais para se constituir” (GODOY, 2004, p.53).

A aposentadoria, no universo masculino, geralmente associa-se a sentimentos nostálgicos, como se fragmentassem a identidade do homem naquilo que significava sua vida, sua dignidade, seu ser social. Afastar-se de seu trabalho pode significar o afastamento de suas relações cotidianas.

Voltar ao seu antigo local de atuação agora passa a ser desnecessário, demandando um processo de aprendizagem em relação à maneira de lidar com o ócio, isto é, se ainda não aprendeu. Trata-se de dar um significado à sua existência, gerar uma nova disposição para a vida.

Frankl afirma:

“O que importa não é questionar se a atividade é capaz de conferir à existência humana um sentido e um conteúdo se vincule, ou não, a razões de ordem econômico-financeira. Essencial e decisivo, sob o aspecto psicológico, é única e exclusivamente que tal atividade desperte no homem, por mais avançada que seja a sua idade, o sentimento de existir para algo – para algo ou para alguém”. (1991, p.52).

A partir desta afirmação penso que a aposentadoria deveria estar associada a um período de reconstrução, ressignificação da própria existência. Não quero dizer que o homem se restrinja ao plano das ideologias, pois existem limitações que são impostas ao sujeito que envelhece.

Relacionando a questão, tocante ao processo subjetivo ao homem idoso, pode-se pensar na aposentadoria não somente como uma categoria, mas um estado, pois o trabalho geralmente esteve ligado à sua vida social, à sua identidade.

Vale ressaltar que apesar deste trabalho estar relacionado ao homem idoso, independe do gênero o processo criativo que a aposentadoria poderá compor.

Refletindo sobre a aposentadoria compulsória, geralmente o sujeito idoso deixa de trabalhar sem qualquer tipo de preparação para o abandono de suas atividades, e sem uma reorganização de sua vida familiar e social fora deste ambiente.

“Em função dessas mudanças, a passagem da vida produtiva para uma situação de inatividade pode ser vivenciada de uma forma traumática, exigindo um difícil ajustamento, sobretudo para aquelas pessoas que não reservaram nada de objetivo para realizar no momento em que se desvincularam das obrigações formais de sua vida. Sem nenhum planejamento que lhes faculte continuar a ser úteis e manter elevada a auto-estima, tenderão a ocupar o tempo com atividades pouco significativas e até a limitar seu espaço físico e social à esfera doméstico-familiar”. (DAL RIO, 2004, p.43).

O homem, culturalmente, aparece distanciado do lar, ainda sendo o regente da família, considerado apenas pelo que faz e avaliado pelas funções que exerce. Assim, tende a voltar-se para a realização de um novo trabalho, pois os processos de adaptação à sua própria casa se tornam conflituosos para si e para a família.

Conforme Rodrigues,

“Se pensarmos que em nossa cultura tradicionalmente quem exerce trabalho remunerado é o homem, o lar passa a ser domínio da mulher. O espaço reservado a ele é o espaço do trabalho. É lá que ele tem poder, da mesma forma que é lá que ele tem um reconhecimento social, posto que no imaginário é ele o modelo de provedor” (2000, p.32).

O mesmo autor relata, em sua pesquisa, que alguns homens “constroem toda a sua vida dedicada ao trabalho que exerceram, descuidando de seu lado pessoal. O trabalho passa a ser um lugar de onde se sentem expulsos quando aposentam, e a casa geralmente é o espaço da mulher” (idem, 2000, pp.10-11).

O retorno ao lar, após a aposentadoria, provoca significativas mudanças, pois durante anos o lar era de domínio essencialmente da mulher, passando a ser dividido com seu marido, que antes ficava parte do dia fora de casa.

“Ambos estão enfrentando o processo de envelhecimento, muitas vezes com os problemas comuns – a menopausa e a andropausa – surgindo rixas, rugas, por questões, às vezes insignificantes. Essas rixas ocorrem com maior frequência quando em casa há filhos casados – portanto, netos – gerando muitas vezes incompatibilidade entre avós e netos (música alta, barulhenta, biquíni da neta, cabelos compridos do neto, vida independente desses jovens, que já têm a chave da casa e chegam tarde da noite, etc.; por outro lado, os jovens não suportam as lamúrias dos avós o já tão conhecido conflito das gerações). Os pais, intermediários entre avós e netos, na maioria das vezes, colocam-se ao lado dos filhos, e o aposentado, já velho, vai se isolando”. (SCHONS; PALMA, 2000, p.17).

O valor econômico da aposentadoria pode se tornar um fator importante na amenização da crise associada às mudanças de hábitos.

“A garantia de renda associada à longevidade passou a dar lugar a um envelhecimento ativo e independente com a possibilidade de auto-gestão de sua vida e de integração ao mundo. O tempo livre deixa de ser associado ao tédio e passa a ser a abertura para a prática de novas atividades e encontros sociais”. (LOPES; CALDERONI, 2002, p.101).

Vale ressaltar as mudanças que o processo de aposentadoria favorece, se diferenciando de acordo com os aspectos sociais e econômicas em que a pessoa se encontra. Nem sempre a renda garante uma estabilidade, pois a desigualdade social é uma característica intrínseca da realidade do Brasil.

1.3 TORNAR-SE AVÔ

Refletir sobre a avosidade remete-nos primeiramente a uma direção no que se refere aos modelos familiares que se podem encontrar, neste momento pós-moderno, no qual as possibilidades de estruturas do parentesco⁴ são intensamente diversificadas.

As questões que envolvem a família contemporânea exigem minimamente uma abertura ao que podemos chamar de novo da cultura, bem como reconfigurações sociais, significando que os padrões da sociedade moderna têm se transformado, e a família adquirido novos valores.

⁴ “Entendemos por estruturas elementares do parentesco os sistemas nos quais a nomenclatura permite determinar imediatamente o círculo dos parentes e dos aliados” (LÉVI-STRAUSS, 2003:19).

Pensar no modelo cultural de família pode implicar em novos avôs e avós, novas estruturas relacionais nas famílias.

“A través del nieto o nieta el abuelo transmite el pasado – história mítica estruturante – em la descendencia de la descendência. Al otorgar al hijo la posibilidad de ser padre, orienta ao nieto em la posibilidad de testimoniar em si mesmo que su progenitor há respetado com esos abuelos lãs mismas leyes interdictivas que ahora se establecen también para él: proibición del incesto y evitación del parricidio (como tendências que deben ser reprimidas y elaboradas para impedir la puesta em acto y permitir la estructuración del aparato psíquico)”. (REDLER, 1986, p.110).

Mas para considerarmos a história da família, torna-se relevante uma releitura da família medieval. Até aproximadamente o século XVI, poderíamos observar um modelo que se configurava celeiro de tradições e formalidades, conservando as hierarquias da sociedade. O conhecimento nesse período era transmitido a partir das relações entre jovens e adultos. No processo de educação não existia discriminação de idade para a aprendizagem.

Os velhos, neste período, ocupavam lugares pólos: eram os que retransmitiam, ou seja, o lugar da tradição; ou isolados por causa das limitações físicas e mentais que surgiam. Seriam esses os avôs medievais? A tradição era transmitida oralmente.

No cotidiano, as relações e as atividades eram conjuntas, como confirma Ariès, em seu estudo relativo à “História Social da Criança e da Família”:

“[...] a transmissão do conhecimento de uma geração a outra era garantida pela participação familiar das crianças na vida dos adultos. Assim se explica essa mistura de crianças e adultos que tantas vezes observamos [...] não se tinha a idéia de segregação das

crianças, a que estamos tão habituados. As cenas da vida quotidiana constantemente reuniam crianças e adultos ocupados com seus ofícios [...]”. (1981, p.230).

Para que as características da família desse período fossem registradas, recorria-se à arte como forma de retratar ou figurar as relações existentes. A importância da arte durante o período medieval era exatamente o de expressar o cotidiano, revelando a realidade humana, considerada um verdadeiro documento. Na obra, além das datas dos anos, a situação familiar aparecia revelada quanto à sua estrutura.

Segundo o mesmo autor, “a família era uma realidade moral e social, mais do que sentimental [...]. Nos meios mais ricos, a família se confundia com a prosperidade do patrimônio, a honra do nome”. (1981, p.231). A hierarquia familiar era nitidamente expressa pelas relações de poder e autoridade.

Com a evolução da educação e do processo de aprendizagem, configurava-se uma separação criança/adulto, como uma garantia da conservação da inocência. Na família passava a existir um sentimento relacionado às crianças. Os problemas morais da família apareceram então sob luz nova, como o patrimônio, antes concedido ao primogênito, e passou ser dividido igualmente entre irmãos (Ariès, 1981). Estas características confirmam a idéia de reestruturação, de reorganização do cotidiano da família ocidental.

Após todo o processo de transição dos sistemas de produções, a família moderna começa a valorizar a vida privada. Desarticulou-se a vida social da profissional. Entendendo a família como propriedade.

“Os progressos do sentimento da família seguem os progressos da vida privada, da intimidade doméstica. Os sentimentos da família não

se desenvolvem quando a casa está muito aberta para o exterior: ele exige um mínimo de segredo". (idem, 1981, p.238).

Refletindo sobre os processos históricos, percebe-se que a família tem influência na constituição da subjetividade do indivíduo. Cada membro tem sua importância, contribuindo para as constituições dos significados, envolvendo os desejos implícitos nas relações, ou seja, o que permeia os filhos e os pais, os netos e os avós. "O desejo, então é fundante da subjetividade, e ela pode ser produzida por instâncias individuais e institucionais". (MERCADANTE, 1998, p.66).

Podemos entender a partir do modelo e estrutura relacionados à cultura que se estabelece na família, que esta se configura numa porta de entrada e saída das tendências sociais.

Ainda assim, encontramos na nossa sociedade uma tendência para este núcleo restrito ao padrão idealizado, considerando que "a família é um valor e, como tal, uma referência social fundamental para a constituição da identidade social de cada indivíduo". (BARROS, 1987, p.108). Entretanto, sobre as mudanças em relação às formas de organização da família contemporânea, abrem-se diversas possibilidades quanto às constituições das relações entre seus membros, principalmente na realidade brasileira, que abrange características diversas de cultura.

A antropóloga Durham (1983) comenta que "é próprio do senso comum conceber as instituições relativamente estáveis da sociedade antes como formas 'naturais' de organização da vida coletiva que como produtos mutáveis da atividade social". (p.15).

As mudanças favorecidas pela atividade social podem estar relacionadas às estruturas de parentesco, à medida que novas variáveis de família são concebidas. Tais concepções apresentam uma diversidade de laços na família que compõem a dinâmica e a sintonia entre seus membros. Refiro-me a uma sintonia não de ordem mística, mas voltada num sentido harmônico, como acontece nas artes, não significando a inexistência de contrastes entre seus membros, pois cada ser possui sua identidade e individualidade.

Sobre a história da família, cabe-nos pensar o lugar do velho, mais especificamente dos avós durante o processo de transformação da família. É importante ressaltar que a figura dos avós geralmente é associada à velhice, mas sabemos que nem sempre a avosidade significa que a pessoa, é idosa ao vivenciar o fenômeno. Assim como ser neto não significa estar na tenra infância.

Lembrando que a convivência entre os adultos e as crianças era uma característica da educação e da aprendizagem, vale ressaltar que o adulto ou o velho eram aqueles aos quais o aprendiz devia seguir e servir, “não havia lugar para a escola nessa transmissão direta de uma geração a outra”. (ARIÈS, 1981, p.229). A educação e formação se davam de uma maneira hierarquizada: o mais velho era o que possuía o saber dos ofícios e da sobrevivência.

O tempo da velhice era associado ao sedentarismo, às leis, aos estudos, à devoção e ao recolhimento, ou seja, o velho era aquele que tinha a função de estudar em certos casos, e em outros nada restava além da vida religiosa, porém sempre remetendo a um certo isolamento. “As idades da vida não correspondiam apenas a etapas biológicas, mas a funções sociais”. (idem, 1981, pp.39-40).

“A articulação entre autoridade e afeto, fundamental para a construção do papel dos avós na família moderna, faz com que o desempenho desse papel seja sempre dinâmico”. (BARROS, 1987, p.108). Ou seja, com a transformação da família e dos valores associados a ela sobre as questões do sentimento relacionado aos seus membros, a relação avós e netos também sofreu transformações em direção a uma proximidade. Os sentimentos passaram a ser expostos mais espontaneamente. A atenção que os avós de um modo geral dispensavam sobre seus netos era a de valorizar cada passo e cada descoberta feita por eles.

À medida que a sociedade moderna foi tomando forma, observa-se a privacidade sendo valorizada. A família moderna fechou-se em sua própria intimidade. Lopes (1990) comenta:

“Na nossa sociedade as solicitações e exigências profissionais se dão em detrimento do convívio social e da exploração de outras aptidões; há uma tendência do indivíduo se isolar, perdendo os contatos significativos, acentuados na maioria das vezes pelo investimento no desenvolvimento de uma vida familiar”. (p. 3).

No processo de transformação da família, reforçou-se também a identidade familiar. Os seus membros reúnem-se movidos pelo sentimento.

Segundo Barros (1987), a família se constitui um grupo de pessoas unidas pelos laços do parentesco e da afinidade, existindo códigos próprios peculiares ao relacionamento familiar. Seus membros comungam de uma história, valorizando os laços de sangue e morais que a confirmam.

Contudo, o cotidiano dos pais modernos contribui para a aproximação avós e netos. Durante o dia se entregam ao trabalho, transferindo a cumplicidade das parcerias nos passeios,

brincadeiras e conversas. A relação entre os avós e netos passa da admiração e observação da ingenuidade da criança, para uma cumplicidade recíproca.

Surge a possibilidade de construção de novas relações:

“A ordem social se inverte: dos armários saem coisas doces fora de hora, o presente já não interessa, pois nem o netinho, nem os velhos atuam sobre ele, tudo se volta para o passado ou para o futuro: ‘Você, quando crescer, será como o vovô, que na sua idade também brincava de escrever...’ ”. (BOSI, 1983, p. 74).

Entretanto, não se pode ignorar os conflitos que poderão emergir a partir das transformações na família, provocadas pela modernidade. O afastamento dos pais do cotidiano, favorecendo a proximidade entre avós e netos, como foi mencionado anteriormente, pode gerar ambigüidades quanto aos sentimentos provocados pela relação.

O fenômeno da avosidade pode significar um impacto para a pessoa que o vivencia, mesmo sendo um momento desejado (e inesperado); gera ambivalências e exige que um novo lugar seja ocupado.

Lopes confirma o questionamento: “[...] se tornar avô talvez não seja uma tarefa assim tão tranqüila como queiramos acreditar. O imaginário social associa avó à idéia de velho e de alguém livre de sentimentos contraditórios”. (2001, p.39).

A avosidade poderá não ser um processo tão natural e claro, apesar de idealizarmos muitas vezes a figura do avô. Este, por sua vez, não está isento de conflitos e angústias relacionadas à posição. É importante ressaltar que a idéia de avô ou avó não está

necessariamente associada à velhice. A pesquisa, entretanto, volta-se para o perfil dos avôs que já se encontram na velhice.

Paulina Redler (1986) fala desse processo de avosidade como um novo lugar:

“El nieto aparece, entonces, como objeto representativo privilegiado, y un nuevo lugar viene a ser llenado por la abuelidad. (...) La abuelidad es una posición relativa, subjetiva e interpersonal”. (pp.12-13).

A chegada de um neto pode representar uma realidade de novas responsabilidades, mas também gerar sentimentos que os levem a se afastar do convite à intimidade. Griffa & Moreno comentam que “alguns avós fogem de seu papel (‘já criei meus filhos e já cumpri meu papel’); outros competem com os pais pela educação dos netos e são então recriminados por ser intrometidos e controladores”. (2001, p.114).

Sobre os estes aspectos levantados, vale ressaltar que a avosidade no homem se dá de maneira distinta daquela manifestada pela mulher. Para entendê-la é importante relacioná-la ao processo da constituição da masculinidade, como foi pontuado nos capítulos anteriores.

Refletindo sobre a maneira de como a subjetividade masculina se inscreve, a avosidade no homem também está relacionada a um processo de identificação em relação ao neto homem: será um rapaz forte e saudável. Em relação às mulheres valoriza-se a delicadeza. Este é um pensamento na sociedade moderna que possivelmente prevalece nos tempos atuais.

A partir desta reflexão, creio que ser avô é um exercício cotidiano. A pessoa torna-se avô ou avó através das circunstâncias, não se limitando apenas ao desejo. É também desejo,

mas é importante considerar que na avosidade repentina – tal como acontece na maternidade ou paternidade inesperada – podem ser provocados sentimentos difíceis de falar ou lidar.

O lugar ou o papel do avô se constituem a partir dos contextos socioculturais, como acontece na convivência, quando as histórias e experiência relatadas pelos avôs passam de meras recordações para significativas maneiras de exercer a qualidade dos vínculos e formação que estabelecem com os netos.

Ainda que a convivência entre avós e netos não seja uma constante no cotidiano, a figura dos avós pode servir de referência na relação entre pais e filhos; a imagem do avô é transmitida para o neto pela geração intermediária.

Os seus relatos transmitem um patrimônio que se deixa para aquele que escuta: o neto. Numa relação na qual o passado tem valor, recobra significado no presente que se constrói.

É importante atentar para a comunicação entre avôs e netos. Qual a linguagem que se cria no cotidiano? Quais os sentimentos e expectativas? Quais as regras colocadas culturalmente que estabelecem o vínculo? Seriam ressignificações sobre a figura do avô dentro do modelo ideal da família?

Penso que o valor de se ser avô se referencia no modelo que a família tem, e que por sua vez incorporou da sociedade.

A importância da avosidade a partir da consciência da descendência ou continuidade pode estar relacionada à transitoriedade, como menciona anteriormente, ou seja, ser avô dá significado à vida.

O desejo do neto pode relacionar-se como preservação da espécie, como profundidade do sentido subjetivo, valorizando a relação como continuidade da vida frente a realidade da finitude. Qual o prazer de estar com os netos? O neto recupera a linha identificatória do avô.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo descreverei o caminho que norteou a pesquisa, definindo os eixos de investigação, a fim de esclarecer e tornar possível a compreensão do objeto de estudo em questão e dos objetivos a que a mesma se propõe.

De acordo com Geertz (1989), o homem dá significados às estruturas que o compõem. As ciências humanas são interpretativas, por isso buscarei os símbolos culturais, considerando que a cultura está relacionada a padrões de significados que estruturam as relações elementares do homem para o desenvolvimento de sua linguagem, conhecimento e história.

“A cultura é um ingrediente, e não um suplemento do pensamento. O conceito de cultura implica na aceitação do pressuposto de que não existem homens não modificados pelos costumes de lugares particulares”. (LOPES, 2000, p.73).

Os símbolos que emergem na sociedade favorecem o esclarecimento sobre o não dito ou nomeado. O importante não é explicar, mas expressar pela complexidade as verdades contidas no espaço social. Os costumes constituem o homem num ser para o outro. E mesmo que apareçam modos de isolamentos, não significa que haja uma negação de seu ser social. Mesmo que o homem esteja à deriva da sociedade, ainda assim o outro existe.

A existência de um ser no mundo se dá mesmo que o outro não o observe. Mas não basta saber que está ali, é preciso uma aproximação, e partir para uma busca das significações geradas pela relação com este outro que emerge. Portanto, observa-se uma singularidade no existir.

“O pensamento reflexivo pretende transformar aquilo que é obscuro em uma situação clara; trata-se de uma busca de informação. Todavia, a suscetibilidade emocional intrínseca ao homem interfere no processo de pensamento, determinando a maneira como uma pessoa encara seu mundo circundante”. (idem, 2000, pp.73-74).

A subjetividade humana, neste trabalho, revela-se como ponto de reflexão fundante para a compreensão do outro, sem fragmentá-lo. Mergulhar na subjetividade masculina no momento da avosidade seria apreender os significados do cotidiano na relação que os avôs estabelecem com os netos.

Pensar sobre a relação que se dá dentro da família seria retratá-la a partir dos valores aprendidos no processo de formação e troca, sendo importante observar as ambivalências que poderão aparecer em consequência da relação rotineira.

O método qualitativo é o mais adequado por abranger as especificidades dos fins a serem alcançados: possibilitar uma melhor compreensão das subjetividades, significados, valores, relações e expressões do fenômeno a ser estudado. A interação do pesquisador com o pesquisado é favorecida por esse método, permitindo captar conteúdos que o sujeito não consegue nomear, mas expressa de uma maneira não-verbal.

Como aponta Minayo (2000), a pesquisa qualitativa aprofunda-se nos significados das ações e das relações humanas. Isto exige proximidade com os sujeitos, sendo necessária uma escuta sensível sobre os depoimentos de vida dos mesmos. Apesar da exigência de uma certa distância do pesquisador em relação ao seu sujeito, a interação favorece o enriquecimento para a pesquisa.

Não basta valorizar apenas as expressões não verbais, para que não se caia em equívocos interpretativos. As palavras possuem seu valor diante da realidade de que todo ser humano pode comunicar de maneira inteligível o que sente, “[...] a expressão verbal passa a

ser vista como um indicador indispensável para a compreensão [...]”. (FRANCO, 1994, p.160), apesar de muitas vezes as mesmas palavras não alcançarem seus desejos.

Por meio de entrevistas e depoimentos de homens idosos que vivenciam a experiência da “avosidade”, considerando o fenômeno como singular e pessoal, é necessário perceber quais as implicações que se procedem.

A partir dos relatos busquei entender como o homem idoso se compreende no momento de sua avosidade, através da interpretação que dá às suas próprias experiências.

Sobre as possibilidades de interpretações no processo de pesquisa, Franco (1994) aponta:

“Diferentes interpretações, que diferentes indivíduos ou grupos desenvolvem acerca de uma mesma situação, é o que permite recuperar a dinâmica da situação estudada. Dinâmica que se expressa no processo vivenciado pelos indivíduos envolvidos e no relato das representações e interpretações dos informantes. Representações e interpretações que, por sua vez, serão reinterpretadas e reelaboradas pelo pesquisador e, posteriormente, pelo leitor”. (p.156).

De acordo com Santaella (2001), a pesquisa relaciona as inquietações do pesquisador em proximidade ao objeto de estudo. A decisão sobre o que seria pesquisado teve origem nas experiências de minha formação pessoal e profissional.

Segundo Becker (1999), a pesquisa está relacionada à imagem de um mosaico. À medida que cada peça é acrescentada, torna-se possível a compreensão de todo o quadro; a inter-relação das subjetividades – pesquisado, pesquisador – favorece essa construção.

Primeiramente, busquei referências sobre as questões que envolvem a masculinidade e o envelhecimento do homem idoso, com o objetivo de pesquisar o seu retorno deste ao lar, após anos de trabalho.

A partir do processo reflexivo realizado, cheguei ao que realmente me interessava, a avosidade masculina, como justifiquei na parte inicial do estudo. Busquei a compreensão dos significados do envelhecimento para os sujeitos a partir da experiência de relacionamento com os netos, atentando especialmente para a qualidade do vínculo.

Para Santaella, “[...] A procura cuidadosa e paciente, por vezes até mesmo obstinada, de fontes documentais ou bibliográficas é imprescindível” (2001, p.167) para montar o “mosaico”. No capítulo “Contextualização do Tema” procurei dialogar com diferentes autores que já abordavam a temática do “Ser Masculino” e outros que por analogia, poderiam iluminar o objeto da pesquisa.

É imprescindível a observação atenta dessas relações em seu cotidiano. O diário de campo contribuiu com a análise proposta pelo estudo, ao registrar aspectos desta convivência, *in locus*. Como afirma Lopes, “a idéia não é captar a única verdade, e sim propiciar mais uma leitura para o fenômeno aqui estudado”. (2000, p.71).

A entrevista semi-estruturada contou com o apoio de um roteiro norteador (Anexo1).

Segundo Haguette (2000), a entrevista pode ser considerada um processo de interação social, sendo que a pessoa do pesquisador pode influir na forma e no conteúdo da entrevista,

devendo, portanto, estar atento ao estado emocional do informante, por meio de expressões não-verbais.

Os registros das informações e dados foram realizados através da gravação dos depoimentos em fita cassete. As entrevistas foram transcritas textualmente e de modo integral, levando em conta que as respostas já são primeiras interpretações sobre a relação com os netos.

Penso que a partir da posterior análise desse material coletado poderão ser revelados dados implícitos ao discurso que permitirão trazer ao conhecimento possibilidades singulares dos sujeitos entrevistados.

A cada entrevista será esclarecido o objetivo da pesquisa, através de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 2), assinado pelo depoente e pela entrevistadora, consentindo com a gravação e a utilização posterior dos relatos, garantindo a confidencialidade da identificação do entrevistado.

Foram entrevistados quatro homens idosos avós, entre 65 e 73 anos, que possuem uma convivência intensa com os netos, abrindo a possibilidade para a observação do relacionamento intergeracional.

Após o consentimento do sujeito, a entrevista foi realizada onde o participante achou mais conveniente, com a finalidade de observar o ambiente familiar, nos horários de disponibilidade dos mesmos, sendo estendida para outro dia caso não concluída.

Após cumprir todos os procedimentos descritos, as análises foram organizadas por categorias ou temas que emergiram do próprio material, relacionado com o conteúdo teórico abordado anteriormente pela pesquisadora.

Sobre a escolha dos sujeitos, é interessante comentar que a indicação desses esteve relacionada à proximidade dos vínculos da pesquisadora com pessoas conhecidas. Os nomes dos sujeitos atribuídos, portanto, são fictícios.

Entrar em contato com o material coletado levou-me a uma inquietação, no sentido aproveitar a riqueza do conteúdo das entrevistas, valorizando os pormenores que emergiram, o que me fez pensar nas possibilidades de articular as temáticas abordadas.

À medida que as coletas iam sendo analisadas recorria a várias literaturas clássicas, a fim de facilitar a articulação entre o cotidiano do homem que envelhece e as relações cotidianas. A leitura das literaturas se deu paralelamente ao estudo.

A quinta entrevista...

Ainda realizei uma quinta entrevista. Mas o perfil do sujeito saiu dos critérios propostos, e não trabalhei com os dados coletados. No entanto, acho importante registrar que o Sr. João, aos 82 anos, possui sete filhos, sendo cinco homens e duas mulheres, 17 netos (12 mulheres e cinco homens), 17 bisnetos. É casado, trabalhou na manutenção de um hospital, e atualmente tem a ocupação de chaveiro. É aposentado.

No presente capítulo, apresento os sujeitos entrevistados e as próprias interpretações sobre suas vivências relacionadas à experiência de ser avô, permitindo-me segundas interpretações sobre suas falas. Seguindo as análises dos significados de Geertz (1989).

Entretanto, desenvolver as reflexões sobre as entrevistas revelou-se um trabalho delicado, por colocar-me diante da experiência pessoal do outro, bem como considerar as associações que me chegaram, permitindo uma aproximação sobre os temas encontrados. É importante ressaltar que os fundamentos das reflexões que se seguem encontram-se no primeiro capítulo deste trabalho.

O fato de optar pelo tratamento – senhor – teve o significado diferenciado do que estou acostumada na prática clínica. Nesta, a relação busca quebrar uma formalidade intencionada no estreitamento do vínculo. Já durante a pesquisa percebi a importância do tratamento, deixando clara a relação do sujeito entrevistado e de minha posição de pesquisadora.

O CENÁRIO DOS AVÔS

Antes de adentrarmos nas análises é importante situarmo-nos no ambiente dos avôs, os quais conheci através de amigos e conhecidos de amigos. Algumas entrevistas foram agendadas por contato telefônico, respeitando o local e o horário de preferência dos sujeitos.

O fato das entrevistas serem feitas na sua casa favoreceu-me observar e perceber os sentimentos suscitados na família pela minha presença, bem como os provocados em mim. A presença de filhos e netos foi circunstância semelhante em todas as entrevistas realizadas.

Sr. Breno

A primeira entrevista foi marcada pelo telefone para o dia seguinte. No primeiro contato apresentei-me e explicito o tema da pesquisa. Ao chegar à sua casa o sujeito indicou-me o lugar para entrevistá-lo. Seus netos ficaram brincando em frente à TV, a filha estava na cozinha.

O Sr. Breno, de origem japonesa, com 65 anos, viúvo dois anos e meio, tem um casal de filhos, 4 netos. Mora com a filha, o genro e 2 netos (filhos da filha: neto e neta). Graduou-se em Arquitetura e pertence a uma comunidade católica, o Neocatecumenato⁵. É importante mencionar que realizou uma cirurgia na coronária, o que o levou a considerar a necessidade de diminuir o ritmo do dia-a-dia.

Sr. Pedro

A segunda entrevista, realizada com o Sr. Pedro, 67 anos, divorciado, comerciante e formalmente aposentado, foi marcada pela filha caçula, em sua casa, num domingo em que os filhos e a maioria dos netos estavam presentes. Apenas a neta mais velha não estava na casa. Foi um almoço oferecido pela filha à família. O entrevistado possui 4 filhos: 3 mulheres e um homem, que é o mais novo e com o qual mora (do segundo casamento), e 8 netos: 2 mulheres e 6 homens.

A filha, que é minha conhecida, na companhia de sua mãe foi-me buscar na estação de metrô. Conversamos sobre a pesquisa até o local da residência. Na casa fui apresentada a cada

⁵ O caminho neocatecumenal nasceu em 1964 em Madri, inspirado no pintor Francisco Argüello, que se converteu do ateísmo existencialista à fé cristã. Caracteriza-se como um “itinerário de formação católica”.

membro da família. O sujeito da entrevista chegou logo depois com o filho mais novo, ainda não tínhamos sido apresentados. Quando os netos o viram, se aproximaram de maneira esfuziante e, a todo momento, cercavam-no solicitando-o para brincadeiras.

Os netos almoçaram primeiro e, em seguida, os adultos. Ao conversarmos sobre a pesquisa e o convidar a participar da entrevista, o sujeito aceitou imediatamente. Em voz alta, disse que a entrevista deveria ser num lugar em que estivesse mais sossegado, e disse aos netos que precisava de silêncio, pois iria dar uma entrevista para a “Globo”. Principalmente o último comentário despertou a curiosidade dos netos e do filho mais novo.

Depois da entrevista, o filho e um dos netos me perguntaram se poderiam ouvir a entrevista, o que foi consentido pelo entrevistado. A ex-esposa também pediu para ouvir. As brincadeiras dos netos criaram um clima descontraído.

Sr. Álvaro

A terceira entrevista foi marcada pela filha mais velha, que me levou à casa do entrevistado. O Sr. Álvaro, 73 anos, de origem uruguaia, casado, aposentado, ensino médio completo, possui 3 filhos, sendo 2 filhas, um filho e uma neta. Mora com a esposa e o filho mais novo.

Ao chegar ao local, fui apresentada ao sujeito e sua esposa, que me deixaram à vontade na casa. A neta apareceu, mostrando-se bem encabulada com a minha presença, apesar de já tê-la conhecido em outra ocasião.

No início da entrevista, ao assinar o nome, o Sr. Álvaro disse que teve acidente vascular, razão pela qual os músculos de sua mão direita estavam contraídos. Após a entrevista ainda fiquei conversando com a família, na presença e junto com o Sr. Álvaro.

Sr. André

O quarto entrevistado foi-me indicado por uma amiga, que intermediou o contato com o Sr. André, 71 anos, casado, administrador aposentado, ocupação atual de consultor de imóveis. Tem ensino médio completo (técnico de administração). Possui 3 filhos: 2 homens e 1 mulher; 5 netos: 3 homens e 2 mulheres, e mora com a esposa.

Marcamos a entrevista pelo telefone para o dia seguinte. Ao chegar ao local fui apresentada à sua esposa. O neto que mais convive com os avós ligou algumas vezes, sendo atendido pela avó. Ao final, ofereceram-me café e conversamos sobre as motivações que me levaram a desenvolver a pesquisa.

.....

Em todos os entrevistados percebi uma disponibilidade em compartilhar a relação que estabelecem com os netos, demonstrando grande satisfação com a qualidade de suas relações. As entrevistas variaram de quinze minutos a uma hora. Nas curtas e nas mais longas percebi que os sujeitos, muito reflexivos, surpreendiam-se ao lembrar de momentos aparentemente esquecidos, tanto na relação com os netos quanto com amigos antigos. Dois deles emocionaram-se ao falar do primeiro neto, acentuando a sensação de um encontro aguardado: o Sr. Breno, ao lembrar da ocasião do nascimento, e o Sr. Pedro, ao abordar os finais de

semana que passava com a neta e sua ex-esposa. Outros dois citaram a surpresa impactante que lhes causou a notícia da chegada do primeiro neto, como algo inesperado.

Organizarei os depoimentos num único texto, subdividindo-os em itens que articulam os aspectos teóricos tratados, relacionando-os às análises das falas, com o fim de estabelecer um debate que possa apreender significados dos netos para os homens idosos avôs, seguindo os pressupostos já abordados na metodologia adotada.

Alguns dos temas abordados pelos sujeitos durante a entrevista aparecerão somente na fala de um entrevistado. Os depoimentos demonstram uma certa “tipicidade”:

“O que é sujeito “típico”? É aquele [...] que de alguma forma está concretizando as tendências (utopias, projetos, crenças etc) que estão delineando-se no grupo em estudo. Uma vez captada esta tendência, escolhemos o sujeito, que não é um único possível, um eleito, mas é um que está conseguindo concretizar esta tendência”. (KOLYNIK, 1996).

Com base nesta reflexão, os itens que darão corpo à análise surgiram de temas comentados pelos sujeitos. As visões reducionistas relacionadas às falas serão afastadas, valorizando a especificidade da tendência do grupo entrevistado.

O envelhecimento para os avôs

Para três entrevistados o envelhecimento é sentido como um acontecimento da existência humana; um processo de adaptação que parte da realidade, involuntário. Apesar de percebido, não se consegue precisamente nomeá-lo.

As duas falas seguintes apresentam a velhice ligada às vivências e como um processo contínuo. Seguindo uma seqüência de rituais de passagem, como nascer, crescer e morrer.

Sobre o envelhecimento pra mim é uma coisa bem natural, porque a minha vida sempre foi de maneira natural, minha infância, adolescência, juventude. Primeiro estudo, o casamento e agora tô chegando à época da velhice, pra mim é um acontecimento muito natural e eu, como se diz, vivo bem, vivi bem todos os tempos e acho que tô vivendo bem esse tempo da velhice.[...] Eu vivo bem esse tempo. (Sr. Breno).

O envelhecimento é uma coisa normal na vida de qualquer cidadão: nascer, ficar jovem, casar, envelhecer e tentar viver e se habituar à realidade que é a velhice. É uma realidade...(Sr. Pedro).

O depoimento a seguir revela um forte sentimento com relação à surpresa que provoca o se dar conta da velhice. Talvez o fato de ter passado por um AVC, com uma recuperação longa, e ainda com seqüelas, o colocou frente à velhice como sinônimo de perda.

Um estado normal da vida, né? Dos seres vivos. É normal, só que a gente não sente quando chega. Quando sente já está. A gente não quer que chegue. De repente aparece.(Sr. Álvaro).

O desígnio negativo com relação a essa etapa da vida, atribuído a uma crônica de jornal, chama a atenção à possibilidade de uma aproximação do que deseja ou espera do envelhecimento.

Ainda não pensei... É difícil o pensamento sobre o envelhecimento, ó. Eu li uma crônica da Raquel de Queiroz que ela é muito amargurada, muito angustiada. Então ela acha o envelhecimento triste, doloroso, irreversível, e eu não tenho esse astral.[...] Tudo envelhece. Então, o envelhecimento até agora eu sinto que não me apertou psicologicamente. Me sinto pleno até agora. (Sr. André).

Todos afirmam que para enxergar de maneira positiva esta etapa da vida a presença dos netos tem sido imprescindível, mas em outro momento o mesmo entrevistado revela o seu pensamento.

[...] O que penso sobre o envelhecimento é uma consequência do tempo. É esse o meu pensamento. Mas que eu não fico contando esse tempo. Se eu faço mais um ano. Ah, tô um ano mais velho, não! Mais um ano que eu vivi. Eu penso assim. Mais um ano. Estou mais velho um ano não! Mais um ano que eu vivi.

Como seria a maneira ideal de contar os anos vividos? Joel Martins afirma que “o homem não está no tempo, é o tempo que está no homem” (1998 p.12). Cada pessoa vivencia de maneira particular o tempo, dando a ele um significado, bem como ao seu envelhecimento, como diz o Sr. André em sua fala anterior.

Ser avô é ser velho?

Como diz Redler (1986), “el soporte simbólico de la estructuración de la abuelidad do sujeto no depende de la edad, ni de su actual ubicación en el parentesco [...]. La abuelidad está ahí siempre, acceda o no [...]”.

Os avôs mostram-se bastante reflexivos sobre ser avô e ser velho. O Sr. Breno e o Sr. Álvaro comentam que há um recomeço, um renascimento através da convivência com os netos, como uma consequência da experiência da avosidade não necessariamente relacionada à velhice, podendo preencher de sentido esse período.

Há uma renovação das experiências relacionadas às vivências anteriores:

Eu acho que é o contrário [...] Ser avô é reviver, viver de novo uma parte que já tava passando. [...] Sendo avô, rejuvenesce porque não tem jeito, no convívio com uma pessoa jovem que fala em coisa feita a vitalidade, começa a descobrir tanta coisa, começa a colorir, inventar, desenhar [...] Mexer no computador, dominar o computador. [...] Sai daquele tempo de velho. Aquele que fica sentado, vendo televisão.[...] quando o meu neto me chama pra jogar bola, a outra diz vamos pra piscina e ficar lá na água, brincar. Se eu fosse outro velho eu ficava sentado só. [...] Eu acho que é um privilégio também poder envelhecer. [...] Eu não nego realmente que o físico vai mudando. Mas ser avô e viver como avô, realmente é uma graça. É uma maravilha, mesmo, poder geracionar [...] Eu acho que eu aprendi a amar também e isso realmente dá o sentido. (Sr. Breno).

O Sr. Álvaro remete-se o mesmo sentimento de renovação da vida relativa ao convívio com a neta:

Fugir não pode, né?[...] a neta ajuda a gente a viver renovado. Eu queria dizer. Quando eu saí desta fase doente, ela já estava com três, quatro aninhos. Ela me ajudou. Ela e um cachorrinho que eu tinha. Me ajudaram. [...] nessa época que estive doente. Os dois me ajudaram. Ela chegava, chegava. A mãe trazia no carrinho e o cachorro corria e se metia pra deitar debaixo do bercinho dela. E eu, puxa vida, pra conversar, brincar com ela. Foi muito bom. Depois ela começou a se manifestar, a andar[...]. A neta ajuda a gente viver. A gente passa por uma etapa assim de frieza, de solidão quase, porque a gente pensa que está com poucas pessoas que não tem uma pessoa pra se comunicar, a gente se sente meio só. Mesmo quando tá com a família. Mas a neta já me tirou este estado. [...]. É muito bom.(Sr. Álvaro).

O Sr. Pedro afirma que a avosidade não está associada a um período cronológico.

Não. Eu conheço tantas pessoas que com 40, 45 anos e já é avô. Eu acho que não é ser velho não. Quem se acha velho tem que procurar alguma coisa pra fazer. Não existe velhice. Existe o tempo que vai consumindo a pessoa, né? Mas eu não acredito que eu tô. Me sinto bem com a idade que eu tenho e quero viver muito mais.(Sr. Pedro).

Ao dizer que ser avô não é ser velho, o Sr. André define o avô como aquele que é forte, mais forte que o pai. Penso, por outro lado, o que estaria nas entrelinhas de sua resposta e pergunto: seria a velhice associada ao que é fraco?

Não. Ser avô é ser... mais forte e mais disposto do que pai. É um pai em dobro. Ser pai é bom e importante. Mas ser avô é duplamente gratificante porque tu se sente [...] mais necessidade de ser mais forte... porque você tendo um filho. Se sentindo responsável pela felicidade de um filho... Você se sentindo responsável pela felicidade de um filho [...] quando ele te dá um neto... você sente necessidade de ser mais forte. Duplamente forte, porque já são dois[...] sente necessidade de que eles estejam bem. Então ser avô não é ser velho[...]. (Sr. André).

A velhice como contraponto ao ser jovem

O envelhecimento e a velhice aparecem como contraponto à juventude dos netos, ao mesmo tempo em que essa relação propicia novas possibilidades de senti-la e de reconstruir papéis que não puderam ser explorados.

O Sr. Breno passou por cirurgia de porte, se recuperou, não abordando o tema como uma marca irreparável, mas possibilidade de um novo ritmo de vida e de ser com o outro.

A gente começa a notar as limitações, já não pode dar aquela corrida que dava antes, pulava de lugar altos e eu sempre fui esportista. Tem limitações físicas e em compensação tem outras coisas que eu acabei de desenvolver mais, agora são afetos, tem mais paciência, por exemplo, quando eu fui casado e tive os filhos, tive pouco tempo pra dedicar aos filhos, e hoje eu dedico muito aos netos, agora de uma outra maneira diferente.[...] tenho uma ponte, tenho uma mamária. Eu tenho uma cirurgia na coronária. É uma loucura... depois disso eu até dei uma parada. Coloquei um pouco mais num ritmo mais normal a minha vida. Me ajuda nesse relacionamento com a família, principalmente com os netos, ter paciência, ver o que eles estão fazendo. Então a saúde eu também cuido porque eu sempre fui atleta.

Eu sempre cuido da saúde, no sentido de não engordar, eu caminho, jogo bola.(Sr. Breno).

Seria a velhice equivalente a frustrações, o que não pode ser realizado? Ao mesmo tempo em que no discurso o Sr. André aborda os “*jovens que se sentem velhos*”, observa-se uma ambivalência, pois o sujeito em sua velhice se sente pleno, um atleta. Velho que se sente jovem? Jovens que se sentem velhos? A plenitude da vida seria dada pela realização de feitos anteriores.

Não sei quando eu vou ficar caduco. Mas até o presente momento eu me sinto pleno em todos os sentidos. Caminho, corro, faço ginástica, me mantenho bem. Não tenho doença nenhuma. Eu já fui operado do coração em 99, mas fiquei ótimo. Virei até atleta. Então, o que eu penso é isso. No momento, não tenho nenhuma é... restrição, comentário a fazer depressivo sobre velhice. Eu acho que cada um é cada um. Cada ser humano é uma peça diferente. Existem jovens que se sentem velhos. Frustrados, sem ter realizado coisas que gostariam de realizar. Eu me sinto plenamente realizado de tudo o que eu fiz. De muitas coisas que eu fiz.(Sr. André).

Ambos passaram por cirurgias. Em relação às atitudes posteriores, o Sr. Breno foi atleta e entrou num ritmo menos acelerado, diferentemente do Sr. André, que “virou” atleta.

Avôs que namoram: novos tempos?

O avô mostra-se em plena reflexão quanto aos sentimentos dos filhos frente a sua vivência. Ter-se tornado avô ressignificou sua própria existência, bem como possibilitou novas experiências relacionadas à afetividade: um novo amor, por exemplo. Após o falecimento de esposa voltou a namorar.

Tem acontecimento que tá realmente incomodando os meus filhos, que eu tô namorando de novo, com uma moça da minha comunidade. Com uma moça não, com uma viúva, que tem na minha comunidade. E eu

sei que isso[...] atrapalha os filhos. [...] É uma novidade, é uma coisa que mexe com o sentimento, que é um pouco difícil de trabalhar [...] Mas eu acho que mais pra eles. Uma nova relação do pai, então.. ainda não sabe assimilar isso, né? É uma coisa que mexe com o sentimento, então é difícil controlar... e pra mim eu fico atento, né... mas é isso, então eu vivo muito bem.[...] Não fui procurar uma mocinha solteira independente que eu ficasse livre e fizesse o que eu quisesse e ir para onde eu quisesse. É uma mulher que tem três filhos. Um de vinte anos, outro dezoito e outra de sete anos. (Sr. Breno).

Na família de sua namorada houve repercussões adversas:

[...] Então eu vejo que esse namoro realmente perturbou aqui, como perturbou também no lado da minha namorada... ela tem três filhos. A filha mais velha tem vinte anos, ela já namora e tudo, mas tem mais dificuldade pra aceitar essa situação. Agora, o rapaz tem uns dezoito anos e a menina que tem uns sete anos, são mais tranqüilos aceitar... eu convivo bem. A menina realmente tá tendo problema, dificuldade.

A nova situação causa preocupação para os filhos e para os netos. Um novo casamento sugeriria sua saída da casa da filha, portanto, um afastamento da convivência diária com os netos. Justifica sua atitude: apesar de pensar que para o neto pode significar uma perda, existem variáveis que provocar uma instabilidade no ambiente por causa das escolhas que faz.

Ultimamente o que eu extrapolei realmente é começar a namorar. [...] Acho que realmente isso é extrapolar na minha vida isso. E isso é difícil, pros filhos, até pros netos também, pros netos no sentido de... se eu casar de novo eu saio daqui... eu saio da casa.. Aí é outra perda, principalmente o menino. Causa preocupação pra ele, mas, enfim, ele vai ter que ir aprendendo também que a vida é assim... nem tudo sai do jeito que a gente[...]gostaria que fosse, mas a gente vai vivendo do jeito que Deus permite[...].

Busca em Deus apoio sobre sua nova atitude.

Deus faz novas todas as coisas, mesmo que seja ruim a coisa que... Deus faz novas todas as coisas, aí tem uma questão de fé. Crer ou não

crer. Eu, graças a Deus, recebi isso da igreja. Então acho que tem uma... pelo menos ter mais esperança. De acreditar que vai bem [...]Deus ter permitido que eu amasse as pessoas. E continuasse amando da minha maneira como eu sempre... com os meus pecados... mas que eu pudesse ser amado... e outra coisa, não ter medo de amar... por isso hoje eu arrisquei namorar de novo.

O Sr. Breno continua a descrever o fato, demonstrando certa surpresa com a situação nova para si e para a família. Fala sobre as diferenças que aparecem num novo relacionamento, após muito tempo de casado. Para ele e para a namorada tem sido um desafio saber lidar com o namoro.

Eu sinto essa falta. De alguém que me complemente. [...] de alguém mais alegre mais comunicativa, tá ligada com todo mundo, não só ficar fechadinha aqui em casa. Ligar com outras pessoas. É por isso que eu procurei realmente uma pessoa da minha comunidade [...] ela também tá caminhando na comunidade... tá há 30 anos também, no mesmo tempo que eu comecei ela começou... viúva também... eu sou padrinho de casamento dela... fui muito amigo do marido dela... o marido dela sempre foi doente, coitado. Mas eu pensava que eu conhecesse bem ele, a conhecesse o suficiente, mas vi que... uma coisa é que eu vivi num casamento durante tanto tempo, né? Aí são diferenças muito grandes. Então nós estamos tentando acertar os ponteiros. E nesse tempo de acertar os ponteiros que os filhos sofrem, vem aquele choque com a namorada, não bate, mas também... como é que se vive então? eu tava sabendo, escutando, então, [...] tão pensando que eu tô sofrendo, não é que eu tô sofrendo. São diferenças de pessoas, estão se encontrando.[...] hoje eu percebo que abalou um pouco aqui, a estrutura familiar, mas eu sei que as coisas vão dar certo, vão para o bem tudo... tem uma palavra que fala assim: quem ama a Deus, tudo lhe vai bem...

Nas demais entrevistas esse aspecto não tem maior relevância, por estarem numa vida compartilhada com a esposa. No caso do sujeito citado existe a vivência da viuvez.

O Sr. Breno diz que após a morte da esposa sentiu-se “descompensado”, faltando-lhe uma parte que precisa ser completada.

[...] eu fui casado há 36 anos, vivemos bem [...] graças a Deus foi um casamento bom, harmonioso, se completava muito. Tinha muitas coisas parecidas entre eu e minha esposa, mas se completava, tem esse cuidado de telefonar pras pessoas... de cumprimentar, de lembrar uma data de aniversário. Fazer uma visita... ou lembrar de atender aquela pessoa que tinha ligado, de manhã a minha esposa fazia todo esse serviço, ela que ligava, fazia essa ligação preocupava com os outros, com a mãe dela, com o pai... lembrava, vamo pra casa da sua mãe, vamo lá. Lembrava de todos. Nesses assuntos ela sempre... até meu filho me cobrou ontem, que eu sou muito desligado e não falo nada pra ele.... então a minha esposa, falava isso pra ele. Hoje que eu vejo que concretiza uma coisa é... no cristianismo fala: quando se casa torna-se uma carne só... torna-se uma pessoa só, de verdade... e a minha esposa quando ela saiu eu fiquei sem metade... me falta, estou descompensado, falta essa parte de ligar pras outras pessoas.... harmonizar o ambiente, né? Nesse ponto, realmente eu não sei cozinhar, nem pôr a roupa na máquina de lavar, minha esposa fazia tudo. Passar eu sei, porque aprendi na minha juventude a passar a minha roupa, outras coisas eu não sei, que ela fazia tudo.

Convivência com os outros velhos

A aprendizagem relacionada à maneira de lidar com as “velhices” se revela como uma descoberta de si mesmo. Como algo que já existia, mas sem investimentos anteriores.

Conforme Mercadante (1998),

“Há uma surpresa, para o sujeito, de se ver classificado como um velho, e essa surpresa ocorre porque não há uma vivência interna da velhice. Sempre se é velho a partir do olhar dos outros. A surpresa que ocorre entre os sujeitos classificados como velhos ocorre pela defasagem que se dá entre corpo-aparência e a experiência interna vivida”(p.61).

Observando e convivendo há uma compreensão das diferenças e das próprias limitações; segundo o Sr. Breno, lidar com o envelhecimento não é natural, mas um aprendizado, relacionando a importância de lidar com os velhos por estar percebendo o

próprio envelhecimento. Quando o sujeito fala da alegria de conviver com os velhos, penso que esteja remetendo à sua experiência pessoal.

Eu não sabia lidar muito com pessoas de idade, velhos... Eu tinha dificuldade porque eu não tive avós em casa, pra relacionar, pra poder conversar normalmente, o velho eu sempre tive é respeito, então nunca conversava. Intimidade muito menos.[...] no meu casamento a minha esposa [...] conviveu, morava junto com os avós: avô e avó dela, na mesma casa [...] me ensinou a conviver, a compreender a minha mãe quando ela ficou velha [...] minha mãe morou conosco durante muito tempo[...] essa relação com os velhos, pra mim, eu fui aprendendo. Eu tive que aprender. Aprendi em casa e aprendi na comunidade. E é uma alegria conviver com os velhos. Vi que é limitada e depois saiba outra coisa, que eu tô ficando velho[...] na minha comunidade isso tornou-se um aprendizado e é normal hoje netos conviverem com velhos, conversar.[...] No fundo é um aprendizado.

Ao classificar as pessoas participantes de sua comunidade, enfatiza a convivência entre as pessoas e suas diversidades, enfatizando as dificuldades que se seguem paralelamente ao processo do envelhecimento.

Tem isso, tem doença, tem limitação, não consegue andar direito, já não ouve direito os velhos, não adianta se nós que estamos fazendo a celebração usar microfone ali. Poucas pessoas, mas tem que tá com o microfone, senão as pessoas não escutam, né?[...] Pessoas que começam a ter dificuldades pra se locomover, começam a ter doença [...] os irmãos de comunidade, nós vamos buscar de carro, levam, seguram, põem na cadeira de rodas, que uma senhora vai de cadeira de rodas, a outra que tem dificuldade de sair do carro... é aquele sacrifício e duas, três pessoas ajudando a pessoa a descer do carro. (Sr. Breno).

Rotular uma atitude ou um hábito relacionando a uma faixa etária seria arbitrário. O Sr. Breno comenta que aprendeu com sua esposa que “os velhos são assim”. Ao mesmo tempo se questiona se seria uma característica geral dos idosos ou uma característica específica de uma pessoa. O alerta é importante: considerar a história individual possibilitaria uma melhor compreensão de cada sujeito.

[...]Sobre a ansiedade que a pessoa de idade tem quando vai fazer um programa, uma hora antes, uma hora e meia antes já está pronta pra sair. Eu não compreendia... “mãe é demais, mas quê que tá aprontando...” A minha esposa que explicava: os velhos são assim. [...] Eu não sabia desses detalhes [...]. Nós vamos ficar limitados também, mas eu pude usufruir desse tempo e pude compreender também que nem todos os jovens sabem disso. Essa relação de gente jovem com os velhos, não conhecem esse relacionamento. Não conseguem, têm dificuldade [...].

Ao falar de sua experiência, o Sr. Breno enfatiza a Igreja Católica como mobilizadora de uma aprendizagem do desvencilhamento dos preconceitos e estereótipos, chamando a atenção pelo convívio intergeracional na comunidade. Comenta que a Igreja deu um suporte para que pudesse enfrentar cada experiência vivenciada.

[...] tenho uma ligação com a Igreja muito grande.[...] eu tenho que pôr a Igreja no meio, falar da fé que eu recebi... e desse tempo de aprendizado 30 anos que eu participo da comunidade. [...] Trinta anos as pessoas convivendo junto. Muitas pessoas da minha comunidade estão envelhecidas. Tem pessoas com 90 anos, outras com 85, 86.[...] Nós convivemos muito com as pessoas. Tem crianças, velhos, criança não tem mais porque todo mundo já é quase 40, 50 anos. Mas nós tivemos convívio com todas as pessoas. Com filhos deles e tal, com adulto casado, solteiro, desquitado, velhos, doentes, pessoas de saúde, pessoas inteligentíssimas.[...] Mas vão às celebrações essas pessoas e os jovens as ajudam.[...] Dentro da comunidade fui aprendendo a conviver com os velhos.

No entanto, conclui que ao envelhecer mudam algumas posturas frente ao cotidiano.

O Sr. André diz que não existe um padrão de velhice, mas descreve os outros idosos como “lamurientos”. Porém, ele mesmo, ao se reconhecer idoso, percebe diferenças. A dúvida suscitada pela sua fala, quando afirma que evita os idosos lamurientos, é onde estão os seus iguais?

[...] Eu tava vendo umas palestras da cultura falando sobre Dionísio e o Dionísio na mitologia grega... as pessoas que se relacionam com o mundo inteiro, são dionisianos. Um termo que se usa. E esse é o meu termo. Pra mim tá tudo bem. Todo mundo. Pra mim tá tudo bem, tudo bom. Tudo ótimo. Se o cara é pobre, se é rico, se é poderoso. Pra mim é um cara igual. Não tem distinção tá? Então eu trato todo mundo como ser humano e ponto final. Sou humanista e curto a vida com todos os planos, ambientes e pessoas, entendeu? Mas eu não tenho preconceito contra nada. Eu na cabeça me sinto muito bem convivendo assim. Sou diferente... e eu tenho notado o seguinte: sou diferente de muitos idosos. Que quando eu converso com idosos. [...] eu sinto que muitos idosos são muito lamurientos. Eu percebo essa diferença. Então eu evito. Eu evito. Eu não gosto de lamúria.

A Velhice e Deus

Na fala que segue o sujeito atribui a Deus o desejo de velhice. Também revela o desejo do sujeito pela mesma, mas sem doenças. Idealizada. Vale ressaltar que apenas o Sr. Breno comenta a velhice como desejo de Deus. É importante considerar os ideais expostos pelo sujeito, que há mais de 30 anos participa de uma comunidade católica. Este é um ponto comentado em vários momentos da entrevista.

No fim eu tenho que professar a minha fé, né? Porque o que eu sou na verdade... eu não sou isso porque eu amadureci ou estudei, não... porque eu tive uma fé. A fé que pode me dar. Dar um sentido novo à própria vida. Tive que abrir mão disso: de querer me impor às pessoas. De querer traçar os planos nas vidas das pessoas. Você faz assim, você faz assado. E outra coisa que... de olhar pra ele e ver que tudo o que ele deu pra mim [...] tenho que agradecer. Tem essas coisas que aparecem. O sofrimento e doenças que aparecem: incompreensões e humilhações que aparecem. Mas tudo eu acho que é bom. Contribui para o bem daquele que ama a Deus. Não tenho grandes receios, não tenho grandes medos.

Há uma idealização como possibilidade de sucesso sobre as várias experiências vivenciadas e que poderão ser partilhadas posteriormente na velhice. Como se percebe na relação com os netos.

Talvez, se Deus quiser eu posso ficar velho sem ter doença. Morrer de velhice... mas não cabe à gente saber disso... vai aprendendo a viver o dia a cada dia. [...]Eu agradeço a Deus por poder ter sido avô, por ter esse tempo, por ter vivido assim como ele também. Sei que também como avô tem seus problemas na casa. (Sr. Breno).

Como recebeu a notícia de que ia ser avô

O Sr. Breno se emociona ao descrever a primeira vez que viu seu neto, diferenciando do momento em que viu o primeiro filho. E ao comentar sobre a vida do neto, o avô chora. Teve mais serenidade com a chegada do neto.

[...] No começo, quando é a primeira vez... a gente não sabe o quê que é, como foi inclusive quando eu tive o meu filho mais velho. Primeira vez, não sabia nem o quê que sentia... só sabia que tava meio abobalhado, não sabia o que ia acontecer, o que fazer. O meu neto pelo menos eu tive um pouco mais de serenidade, né? Mas não sabia o que ia acontecer, no sentido do que ia sentir, né? Eu fui experimentando depois que eu vi o meu neto, no hospital, lá na maternidade, depois que eu fui aprendendo a conviver, dar os banhos e tal, depois ver que ele começou a andar, depois vêm certas descobertas de coisas interessantes.

O mesmo sujeito comenta que não chora de tristeza, mas de alegria. No meio da fala levantou-se para buscar um lenço. Para o sujeito existe uma importância significativa de estar relacionar a Deus, os acontecimentos de sua vida.

Pra você ver... a emoção.... sempre tem uma relação com Deus. Quando eu vejo que Deus se manifesta, eu não consigo, não dá pra segurar. Isso sempre foi assim. Então, quando eu percebo que Deus pôs a mão, então realmente a minha reação é chorar... Porque hoje é difícil eu chorar de tristeza. Tristeza, chorar de raiva, muito difícil, chorar de humilhação. Mas quando eu percebo que Deus põe a mão, aí eu me descontrolo, realmente, não tem jeito, não tem jeito.

O Sr. Pedro comenta com muita satisfação o momento em que recebeu a notícia de que seria avô. Vale observar a referência que o entrevistado faz ao exercício da paternidade.

Com bastante felicidade. Com bastante alegria. A primeira foi uma neta. Eu fiquei todo entusiasmado, quem que não gosta de ser avô? Os netos são os “segundos filhos”.

Os sujeitos relataram que se surpreenderam com a chegada do primeiro neto, revelada como algo inesperado. Os entrevistados demonstram que é uma surpresa agradável a chegada de um neto.

No começo é um choque, né? [...] Todas as coisas você não está preparado. De repente vem, e mas quando você pára pra pensar é o normal da vida, né? E tudo bem... eu e a minha esposa também, muito passiva, né? Eu achei muito bom. Teve o casamento da minha filha. O pai dela é uma pessoa boa em certo grau, né? Enfim, foi bom. Eu aceitei. Muita alegria... as coisas como vêm. Ser avô é dessas coisas da vida que você não pensa. Não planeja. Sabe que vai ser e de repente leva aquele suss (susto). (Sr. Álvaro).

Ah! É sempre agradável, né? É uma surpresa. É uma coisa... é uma surpresa. Muito agradável. Puxa! Mais uma pessoa na família é sempre motivo de festa. (Sr. André).

Convivência com os netos

O Sr. Breno fala da intimidade e da intensidade da relação avô-netos, mostrando a importância da partilha das mesmas atividades. Comenta que o tempo vem associado ao usufruto da convivência com a família, como o convívio com os netos. É possível perceber

uma certa estereotipia no comentário sobre os avós e netos que moram em casas diferentes.

“Nunca é um convívio tão íntimo e tão intenso”?

Eu acho que é privilégio, né [...] ser avô e ainda conviver com os netos. Porque você vê, a família hoje se desagregou muito [...] Na sociedade que nós estamos vivendo, eu poder ser avô, morar com a minha filha, com o meu genro, e poder morar com os meus netos, usufruir do convívio deles, brincadeira, estudo, tarefa, lição de casa ou passeio, seja lá o que for, poder ir brincar junto também é privilégio. [...] Que a maioria dos avós vive em outra casa, né? Então fica com esse contato periódico. Às vezes, quando visita lá, mas nunca é um convívio tão íntimo e tão intenso. [...] Em relação aos filhos eu sempre bem ausente, porque eu trabalhei demais, trabalhei muito. Agora, em relação aos netos não, eu estou já meio aposentado tem mais tempo e tem mais consciência também que eu preciso usufruir esse... não é sempre que tem uma oportunidade de conviver com neto, com filho. Eu vivo bem esse tempo [...].

O mesmo entrevistado comenta as afinidades que aparecem durante o processo da convivência. Poder observar e ajudar quanto ao desenvolvimento de cada neto relaciona-se a uma grande satisfação em compartilhar as atividades, como bem mencionou em sua fala anterior.

É, a gente se envolve às vezes no trabalho [...] eles gostam de pintar e desenhar. E eu também gosto de pintar e desenhar e sempre fiz isso durante toda a minha vida. Então, quando eu vejo, eu procuro dar umas dicas, como é que desenha como é que faz, mas no fim eu prefiro deixá-los livres. Eles têm muita criatividade. Ela tem muita criatividade, ele também desenha bem. [...] Outra coisa, é gostoso brincar, jogar bola, chutar bola, com ela não dá pra chutar bola. Com ela a gente vai lá pra piscina e sempre brinca de ficar agarrado em mim dentro da água, ele gosta da bola. [...]Então é esse convívio, né? Outra coisa o mais gostoso mesmo é tá junto. Ver o que eles vão fazer, o que eles falam, o que inventam, os seus gostos, o temperamento. (Sr. Breno).

Assim como as afinidades, existem atividades as quais o avô não aprecia e não participa, reconhecendo que existem diferenças e preferências.

[...] Agora ele gosta muito é de televisão e video-game, computador, ele gosta, adora. Eu já não sou muito disso. Ele já gosta de corrida de carros, e outros jogos, “Yug-Yo”, não sei o quê, na televisão. Eu nem conheço direito. Então, ele tem as suas atividades que é bem própria dele, que é de usar a cabeça. Ele gosta de usar a cabeça. A outra gosta de se enfeitar ..., é batom, maquiagem, melhor presente é maquiagem [...] Ela é bem feminina, então gosta de maquiagem. Cabelo, não deixa cortar o cabelo... prende. (Sr. Breno).

O Sr. Pedro comenta, emocionado, o envolvimento nos momentos de diversão e de saudade após a separação da primeira esposa, relatando que parte do vazio por causa do afastamento dos netos foi preenchido com o nascimento de um filho, bem como a aceitação do mesmo pelas filhas e os netos.

Conviver com eles. Tenho saudades deles. Ir na praia, ir no campo, ou na casa, irmos brincar, um brigar com o outro, xingar... É tá ao lado deles.[...] Em parte eu tive a infelicidade de me separar do meu primeiro casamento, né? Por outro lado eu tive a felicidade de ter meu filho com outra mulher que fechou parte daquele vazio, né? Então em função disso o meu relacionamento caiu muito de conviver com os meus netos, em função da minha separação, né? Mas o fator importante na vida de qualquer cidadão, hoje as minhas filhas já tão compreendendo, já tô convivendo mais com as minhas filhas e mais com os meus netos. Já tão aceitando o irmão por parte de pai, como membro da família. Então tenho motivo pra tá sempre feliz. A relação com os meus netos é muito boa, muito boa, os meus netos eu brinco, se divertem. Eles gostam de mim. Meu filho é uma criança esperta. (Sr. Pedro).

O Sr. Álvaro fala sobre maneira que se dedica à neta. Despertou em mim o pensamento sobre as trocas que a relação sugere, ou seja, a intimidade, uma certa cumplicidade nas conversas, brincadeiras, a valorização do respeito, e sobretudo a amizade. Vale ressaltar o início de sua fala: a neta desperta ciúme no filho.

Bom... é criança. Desperta muito ciúme do meu filho que é menor[...] Tem muito ciúme dela [...] mas ela é legal... criança. [...] Eu procuro respeitá-la. Temos algumas confidências. Eu respeito e guardo. As confidências que eu tenho com ela e ela como criança, né? Ela dá muita importância e eu fico feliz. Eu procuro manter uma harmonia, pra que ela não venha a se desiludir com a amizade do vô. Uma relação de amizade. Eu considero que no meio de tudo isso tenha que haver amizade. Pai, filho, avô, neto. Deve haver amizade. A amizade é o princípio de todas as outras coisas. Sem amizade não há amor. Enfim, não se pode levar em frente um bom relacionamento. [...] Tem só alegria. Eu sou aberto com ela, e... penso em ajudá-la no que puder, como estou ajudando. E ser útil a ela, né? Enquanto puder, na minha vida. [...] Sair, fazer compras com ela. Comprar coisas que ela gosta. Deixar ela feliz. Brincar com ela. Enfim, Me faz bem. Contar histórias pra ela. E de noite orar, né? Orar com ela. Ela dá muita atenção pra essa parte. Enfim, me traz alegria e felicidade. É bom[...] Sinto saudade quando ela viaja, que tá pra casa do pai, que mora numa cidadezinha aqui fora. E aí sinto saudade, mas faz parte da vida, né? (Sr. Álvaro).

O Sr. André descreve cada vontade dos netos, discorrendo sobre o prazer que sente em poder satisfazer e compartilhar esses momentos com eles. É importante comentar que perto do local da entrevista havia alguns porta-retratos com as fotos dos netos, e à medida que falava ia apontando, fazendo referência.

[...] eu gosto de satisfazer aquelas vontadezinhas bobas que criança tem. [...] Quando eles eram crianças. [...] a mãe e o pai não queriam que eles comessem açúcar. Então eu ia na padaria: “Escolhe o que você quer!!” “Quê que é bom?”. “Vô, sonho! Sonho é bom! Prova...” Aí era sonho toda hora. “Vamo na padaria, vamo!” Come sonho ah eu... Os outros lá é chocolate. Chocolate, o Marcos é chocolate com pão de mel. Chocolate e sorvete. A outra, já é geral. Come tudo. A Lili, Lilian come tudo. O que der... Esse come sorvete, chocolate e aí quando eu tô lá de noite. “Vô, vamo pra uma pizzaria!” Vamo. Vombora. Aí comer pizza. Vai todo mundo comer pizza. Esses dois aí estão sempre... e com estes dois aí, às vezes eles vêm almoçar, jantar aqui. Às vezes a Priscila sai e chama vêm jantar aqui com a gente. Toma um lanche e nós vamos lanchar com eles. Aí eles vêm lanchar aqui. Uma convivência assim, permanente. Agora o Luís esse aí tá mais isolado. Ele tá em Itatiaia, na montanha, né? Às vezes ele vem aqui. Passear aqui. Visita todo mundo. Esses dias eu tive uma conversa muito grande com ele, porque foi lá com o pai e a mãe, né? O pai e a mãe que criaram ele. À moda deles. Sem interferências. Bom, então o que eu gosto de fazer com os netos? Satisfazer os desejos gastronômicos. Ah! Se tão comigo. Pode pedir o que quiser,

nada é proibido. Nada de colesterol, ou engorda, ou emagrece. Se bem que a Lili tá engordando. Tá comendo demais.(Sr. André).

A idealização dos avôs está muito presente. Relatam satisfação em compartilhar o desenvolvimento dos netos através das conquistas nos estudos, brincadeiras, usufruir a companhia e atender-lhes pequenas vontades. A satisfação dos netos se revela de grande importância para os avôs. O que mais gostam é ter os netos por perto. Chama a atenção o fato desse aspecto ter sido encontrado em todos os entrevistados. Parece haver consistência nos depoimentos e não verbalizações vazias. Percebe-se nas falas uma viva experiência do convívio.

Ser avô vai além da paternidade?

De acordo com Paulina Redler (1986), a avosidade vai além da paternidade. Os vínculos familiares ocupam muito do mundo pessoal, ou seja, há uma espécie de investimento sobre a imagem primária do pai, a partir da continuidade que se projeta por meio dos filhos e dos netos.

Os sujeitos revelam uma forte referência ao sentimento de paternidade. Apesar de nomearem seus lugares de avôs, prevalecem associações às funções de pai. Mas a quais sentimentos estes homens se referem neste complexo envolvimento com os netos, tendo a presença física dos pais? A avosidade aparece associada à paternidade, mas com um toque diferente.

Para o Sr. André, a experiência da paternidade revela a possibilidade do ser avô. A convivência é expressa como uma exuberância dos sentimentos fraternos. Parece que o

entrevistado se define como sendo o avô uma figura com superpoderes, acima do bem e do mal. Um amor incondicional e bastante idealizado quanto à dedicação e exclusividade:

Ser avô é ser mais forte... Vai além... da paternidade. A avosidade é um pai duplamente forte. É um pai ao quadrado. [...] é um pai ao quadrado. [...] nós nos ajudamos mutuamente no cotidiano. [...] Eu penso que ser avô é uma multiplicação dos filhos, ponto final. Não tem outra resposta. É uma multiplicação. O filho do meu filho, da minha filha, é o mesmo amor filial, ponto final. É um complemento. É o que é ser avô? É ter mais filhos. São os filhos multiplicados igualmente.[...] Ah! Sentimentos puros igual dos filhos e da esposa, é igual. Sem distinção, é igual. [...] se tem algum problema ou sofrimento a gente trata de acertar logo a situação. Não é isso? Deixar eles bem.

Uma relação afetiva com características da estabilidade com os filhos, mas há algo a mais: é linda. O avô se coloca como uma dádiva protetora de todas as possíveis e imagináveis necessidades econômicas que o neto venha a prescindir.

Eu sinto amor, eu sinto paixão, eu sinto tudo. Quero o melhor pra eles. Tento orientar eles na medida do possível. Tudo o que é de bom eu tento transmitir a eles. Se a graça de Deus me ajudar a ganhar na loteria esportiva pra deixar eu bem rico e fazer eles viverem bem [...] Muitas coisas a gente pode pensar. Os netos são como os filhos, mais que os filhos. Os filhos você cria de uma maneira [...], se aprende com os filhos e quer transmitir aos netos, são as coisas mais linda que existe. Ser avô chegar a esse ponto de ser avô. Ser avô é lindo. (Sr. Pedro).

Renova sentimentos presentes por ocasião do nascimento dos filhos. O neto, remédio milagroso que cicatriza as mazelas da vida:

Olha, o sentimento é como um pai sem ser. A gente sente, ou seja, não como de um pai. Dela como uma filha. Mesma coisa... mesmo sentimento. Desde pequenininha a gente ajudou a lavar os panos dela. Carregou no colo. Agora já tá correndo. Agora já começa a se manifestar, enfim. E a gente vai acompanhando. Me faz viver, faz muito bem pra mim [...] ela pequenininha ainda, eu tava numa fase

que eu adoeci. Tive acidente vascular e passei uma época assim, uns dois três anos. Acompanha, mas pouco. Eu aproveitava, mas depois melhorei. É muito bom. É muito bom. Muito bom... É uma expectativa. Como um filho que depois de tantos anos. De repente aparece um novo filho. Uma nova filha. É muito bom. É, é como ser pai de novo. Exatamente. (Sr. Álvaro).

“Ofício” dos pais

Ao dar o subtítulo “ofício” dos pais pensei na sutil diferenciação entre as tarefas paternas e as atribuídas ao avô.

Três avôs afirmam que existe diferença entre ser pai e ser avô, e um comenta que não existem diferenças.

O avô se coloca como contraponto dos pais, pois permite romper alguns limites. Mas isso só é possível porque existe um pacto de respeito implícito. Enfim, o avô pode ser o que “baguncea” porque todos sabem que os limites são dados pela geração intermediária. Cabe principalmente aos pais a educação e aos avós dar liberdade.

É mais gostoso, é mais tranqüilo ser avô, porque a parte mais dura que é a responsabilidade sobre a educação dos filhos o avô não tem muito, né? Eu ajudo em algumas coisas, mas não é a minha responsabilidade educar. E educar não é fácil. Educar os filhos.[...] Amor, afeto, prepará-los realmente. Ensiná-los... e outra coisa dar liberdade pra eles poderem se desenvolver, né? Que cada um tem, que a criança tem. Tem que deixar muito a pessoa livre pra poder ser o que ela é e ir se mostrando aos poucos... se é vaidosa, se gosta de escrever, se gosta de computador, de esporte. Dar liberdade pra poder fazer tudo e não forçar, eu podia forçá-los a praticar esporte, jogar bola e tal. Mas ele faz mesmo o que ele gosta [...] Agora, também tem uma coisa, aí já cabe aos pais. O respeito que tem que ter com eles. Tem essa intimidade toda, mas tem que ter o respeito. Porque senão baguncea muito, né? As crianças podem fazer o que quer com os avós, porque o avô faz tudo, né? Então, isso cabe aos pais geralmente educar, ensinar o respeito né?(Sr. Breno).

Assim como o Sr. Breno, o Sr. Pedro fala da responsabilidade quanto à educação dos filhos, que é diferente quando se refere aos netos, dando mais liberdade de expressão, pois eram muito rígidos em relação aos filhos.

[...] O pai, a responsabilidade dele é maior. Eu não digo só sobre educação, mas sobre cultura, a formação dos filhos. E o avô não é dizer que não tenha, tem também, mas não é tanto quanto os pais. É mais uma forma carinhosa de tratar bem os netos, conviver com eles e tentar ajudar a orientar em alguma coisa, mas a obrigação maior eu acho que se resume aos pais: da cultura, da.. e o avô funciona como esteio, como regra três.(Sr. Pedro).

Ao falar da diferença, o Sr. Álvaro ressalta que agora tem mais tempo para estar perto da neta, pois durante o período que trabalhava não tinha muito tempo para se relacionar com os filhos.

[...] Quando você é pai, você está em outra fase da vida. Você tá lutando pelo dia-a-dia, tá trabalhando, então correndo... você tem muito menos tempo pra dar, pra se relacionar com os filhos, muito menos tempo pra se confraternizar, brincar com eles, enfim, se relacionar que com o neto, já tá velho, já tá aposentado a gente tem muito mais tempo. Todo o tempo do mundo pra brincar com a neta e tudo, se relacionar. É outra, é mais fácil. É melhor. Tudo aquilo que a gente devia ter feito com os filhos que não teve tempo agora a gente se relaciona com os netos. Eu creio que seja por aí.

O Sr. André cita a consangüinidade como certeza da não existência da diferença entre ser pai e ser avô. Refere-se aos adotivos como dignos da mesma consideração.

Não, nenhuma. Ponto final. Não, nenhuma... nenhuma... é igual. [...] pra mim é! Não sei se tem avô que é diferente, mas pra mim é igual. A carne da carne, o sangue do sangue, poxa, que é isso! É a mesma coisa. Não tem diferença! Eu acho que até um filho adotivo merece também ter essa consideração. Se um filho ou filha não pode ter um

filho e adota alguém... esse alguém que ela adotou também deve ser amado como um neto verdadeiro, entendeu? Eu penso assim... .

A paternidade

Como no tópico anterior, nas falas seguintes foi possível perceber a maneira que os entrevistados vivenciam a paternidade.

Quando o filho cobra do pai uma postura mais aberta, penso que já existe possibilidade de conversa franca. Há flexibilidade para olhar-se e refletir sobre as próprias atitudes, apesar da rigidez que pode ser percebida.

[...] Isso é que é importante, um relacionamento meu com os netos e mesmo os meus filhos, não é um afeto doentio que existe às vezes na família, é... um apego que perde o discernimento. Então, eu tenho muita consciência do que eu faço em relação aos meus filhos e em relação aos meus netos, tanto é que eu [...] cheio de falhas, né? Que a minha maneira de ter os meus hábitos, meu jeito orgulhoso ou de falar pouco, não dar muita explicações pra coisas. Ontem até o meu filho, eu tive uma conversa com ele, e ele veio me dizer que realmente que eu falo muito pouco, não chamo ele pra conversar, pra explicar certos acontecimentos da minha vida.(Sr. Breno).

A paternidade, sob o olhar do sujeito, pode ajudar nas escolhas do filho, ou seja, seu exemplo vivo desperta o interesse dessa descendência.

Gosto de tocar música. Toco cavaquinho, violão, bandolim, já fiz shows lá nos diretórios acadêmicos da PUC. Pra mostrar como é que é chorinho. Como é que é samba. Eu sou administrador, mas sempre desde os sete anos toco música. Tanto que o meu filho mais novo virou músico profissional. Dá shows aí direto. Foi tocar agora lá em Paraty nesse festival do livro, né? Tá tocando lá. E viajou a Europa. De tanto me ver tocar. “Pai quero ser músico”. Então é isso. Cada um é o que quer.(Sr. André).

O vínculo familiar colabora para os entrevistados se sentirem pertinentes, e este sentimento se alastra para a vida.

Como avô extrapola este papel?

O Sr. Breno, sempre muito reflexivo, compara sua postura como pai e como avô, e também como amigo. Também comenta sobre suas novas atitudes, ao refletir sobre o que seria “extrapolar”:

Ó eu fui muito mandão, autoritário, os meus filhos acham que eu fui até demais autoritário. Teve uma época que eu tive que pedir perdão pros meus filhos da maneira que eu fui com eles. Ficava só cobrando resultado, [...] Cê tá falando em extrapolar em relação aos netos né? Então é difícil extrapolar porque eu sei o que eu sou. Eu era autoritário e eu poderia tá impondo muita coisa. Pra cada um dos filhos, até pro genro. É... dizer o quê que tem que ser feito... mas não eu sei que o meu lugar é de avô. Respeito os pais, respeito as crianças também, né? Pode ser que tenha até algum momento que eu extrapolo. Mas eu ao invés de extrapolar talvez hoje, não sei por quê[...] eu introverti um pouco depois da morte da esposa. Então eu fico muito no meu lugar, né? Usufruo, participo e tal, né? Mas hoje eu aprendi a não extrapolar muito, porque eu extrapolava muito não só com a minha família, inclusive com os meus amigos. [...]

O Sr. Álvaro, como avô, comenta que não se pode extrapolar em consequência da criança ter que brincar e ser investida para crescer culturalmente.

Não, não pode né. Porque a criança você tem que brincar, dar atenção e tudo, mas também tem que contribuir para o crescimento, pra educação, com enfim... o crescimento cultural dela né? Eu a levo na escola e assisto, acompanho e assisto festinhas da escola dela e tudo. Então, a gente vai com cuidado, sabe que não pode extrapolar não. Às vezes a coisa que “Vô”. Às vezes a gente toma parte, mas outras vezes, por exemplo, com os pais, enfim, com a mãe, tem que ter cuidado pra não interferir.(Sr. Álvaro).

O Sr. André conta que em sua relação com os netos não extrapola, acolhendo as solicitações dos netos quando necessário.

Não. Não... não extrapolo. Eu fico na minha, mas eles têm certeza... eu fico na minha aqui na minha casa cuidando da minha vida... mas eu tenho certeza... eles os netos têm certeza de que se precisar de mim a qualquer hora liga “Vô, pode vir aqui?” “Pode fazer isso pra mim?” a resposta é sempre sim. Então eu... eles têm certeza de que podem contar comigo a qualquer hora. Eu não extrapolo. Eu fico na minha... Precisar, precisou. Se não precisar, não precisou... Mas eu estou sempre... dou prioridade realmente a tudo o que eles pedem.

Avô que foi neto: lembranças

Ao lembrarem dos próprios avôs, os entrevistados comentam uma convivência distanciada: pela morte dos mesmos antes de os netos nascerem ou por morarem em outra cidade.

O Sr. Breno recorda a ausência de convivência com os avós, mas o fato não o privou da possibilidade de ocupar esse lugar hoje.

[...]Eu não tive avós. Quando eu nasci os meus avós estavam mortos já. Eu não tive nem pro lado do pai e nem do lado da minha mãe. Eu não conheci em relação aos meus avós. O quê que eu percebo hoje já sou avô também.

O Sr. Pedro tem poucas lembranças da convivência com os avós, mas recorda-se do tratamento diferenciado que seu pai estabelecia entre os filhos e os netos.

Dos meus avôs tenho muito pouco, agora do meu pai tenho muita, mas muitas saudades dele. Meio violento com os filhos. [...]Antigamente era diferente o tratamento dos pais com os filhos. Hoje os filhos tem muito mais liberdade que no passado isso não

existia, né? Tinha horário de chegar em casa, usar suas coisas que eram determinadas. Hoje não existe. Tem criança que tem 10, 12 anos, 13 anos e já tá namorando. Sai pra acampar voltar depois de 4, 5 dias. No passado não existia isso. E com os netos era muito bom, era carinhoso.

O Sr. Álvaro ilustra com a literatura a relação entre pai e filho na maturidade. Comenta que é uma experiência de proximidade singular.

[...] Eu não tenho lembranças assim. Do meu pai, do meu avô. Do meu avô pouco [...] O que tenho é meu mesmo. Dos filhos e neta. Essas coisas. [...] Não convivi com meus avós e com meus pais foi pouco também. Não me traz lembranças. Traz lembranças... como é que se chama? Literárias. Por exemplo, “Martin Piero” é um livro de um autor argentino. Ele diz: “Padre e hijo se abrazaran, como jamás habian hecho. Juntaran pecho con pecho. Y como dos madres lloraran”. Choraram... Quer dizer: Pai e filho se abraçaram como nunca tinham feito. Juntaram, se abraçaram, juntaram peito com peito. E como duas mães choraram. Depois de 60 anos o pai se encontrou com o filho. É uma parte, é um trecho muito bom dessa obra “Martin Piero”. O autor, não lembro... é uma obra.

O Sr. André comenta que, apesar da distância do convívio de seu pai com os netos, teve uma convivência significativa com seus avós maternos e paternos, mesmo estas sendo curtas.

[...] Eu tive convivência com meus avós paternos e a minha avó materna. [...] meus avós paternos eram italianos e eu era muito pequeno. Quando ele morreu eu tinha uns oito anos. Então foi uma convivência curta... uma convivência curta. [...] A minha avó era muito vaidosa. Tava sempre enfeitada de broche. Era uma italiana toda arrumadinha [...] o meu avô era mandão, autoritário, né? Paterno. Tinha nove filhos. nove filhos. Durão... o patriarca. E a minha avó materna já era diferente ela ficou viúva com nove filhos e pôs todos pra trabalhar cedo, pra segurar a família.[...] Eu lembro que a minha avó ia na missa todo dia. Essa italiana. Todo o dia ia à missa comungar. Nossa, que coisa incrível! Italiana católica igual aquela, eu nunca vi. Então, e... a minha avó eu lembro que eu tinha uns 12 anos e acompanhava ela pra receber a pensão do INSS. Avó materna. [...] Tenho lembrança viva deles. É isso aí.

Sobre as lembranças do pai em relação aos netos, ou seja, seus filhos, o Sr. André diz que, apesar do pouco convívio, a relação era boa e festiva. É possível perceber certa admiração do sujeito pelo pai, quando comenta que era o “conselheiro” entre os filhos.

[...] O meu pai teve pouco convívio com os netos. Porque ele morava em Petrópolis e eu estava morando no Rio, depois vim pra cá em 80. Então teve pouco convívio, mas quando se encontrava era muito festivo. Era uma relação boa. Ele era um homem muito bom, muito calmo, muito pacífico, pessoa muito boa o meu pai. [...] Ele era o filho... não era o caçula, ele era o penúltimo filho da turma. Desses que era consultado para todos os problemas. Tinha a cabeça boa. Ele era prático. Dava a solução. “Faz isso, faz aquilo, faz aquilo...”. conselheiro da turma, e quando... Gozado, o meu pai tinha vários irmãos. Mas quem ficou com os pais quando estavam idosos foi ele e a minha vó também,

Netos como perspectiva da continuidade...

Os avôs revelam a importância dos netos como valor de continuidade, dando significado à vida. O Sr. Breno relata que ser avô dá significado à vida, considerando a presença dos netos importante, valorizando os cuidados que já mantinha com sua saúde, refletindo sobre mudanças adotadas. Na fala desse avô há enfoque sobre a religiosidade e a continuidade, considerando-a um sentimento de fé relacionado à existência da vida eterna, ou seja, a vida sem um tempo mensurável. Observa-se uma maneira de vinculação entre a continuidade e a finitude, pois à proporção que há uma experiência com a morte, há uma idéia de que a vida continua através dos netos.

Seria a eternidade pensar a vida como continuidade da existência? “É importante pensar que tempo não é uma dimensão cronológica, medida em dias, meses e anos, mas sim

um horizonte de possibilidades do Ser” (MARTINS, 1998). O autor valoriza principalmente o tempo que se vive. Contudo, o tempo cronológico possui também sua importância.

[...] A vida continua outra vez... [...]É uma outra geração. É outro tempo. [...]Essa missão de continuidade à vida porque também tem a fé, né? Deus criou tudo. Uma árvore cresce. Mas tem uma hora em que ela também vai morrer, a própria árvore, deu a semente, deu frutos e dessa semente nasceu outra e a vida continua assim... morre, mas nasce outra. Envelhece e morre. Morre, mas nasce outra e a vida tem a continuidade. E a família também. [...]. Sabe o que eu sinto na minha fé. O que significa a vida eterna... tem continuidade... e mesmo que cê morra... ainda continuam os netos, bisneto, tática. Eles vão continuar mesmo que você morra. [...] Tem uma continuidade.[...] Só que o avô vem com uma cabeça diferente, com um tempo diferente também. O tempo também me ajudou, me deu mais paciência.

O mesmo sujeito aponta a continuidade como a consangüinidade. E à medida que expressa seu pensamento percebe-se ao final da fala uma dualidade do discurso. Ou seja, num primeiro momento observa-se a construção de família num modelo idealizado, através da consangüinidade, e após vem a fala que se refere ao patamar de uma outra dimensão de existência.

[...] se alguém fica solteira não tem mais continuidade. Não tem filho, não tem neto. Por isso poder ser avô, então, já pegou duas gerações, não foi apenas uma, já é duas. Então é certo que a vida continua, não tem fim. [...] Continua a sua vida continua, porque tem não digo só o que são de sangue, mas tem o espírito que acompanha. Vai junto pra outras gerações.

Durante o depoimento do entrevistado acima, percebi que ao mesmo tempo em que verbalizava e expressava sua reflexão, a emoção sobre os temas aparecia em momentos de silêncio e de lágrimas.

O sentido da vida para o Sr. Pedro é dado pelas filhas, principalmente pelo filho e netos. Ainda percebe-se uma perspectiva simbólica de continuidade, revelando expectativas,

desejos, demonstrando admiração sobre a percepção do crescimento da família. Entendi que ser avô é um exercício cotidiano, com conflitos e lutas, envolvendo seu lugar como homem, pai e avô.

Os netos pra mim são tudo na vida hoje. A minha família sempre... vivi e vivo por causa dos meus filhos, dos meus netos. Os meus netos são importantes em tudo. É uma continuidade da vida do ser humano. Na verdade, pra mim, são tudo na vida. Eu me sinto bem. É continuidade da vida. [...] Meus netos são uma maravilha. [...] a minha neta mais velha, hoje com 15 anos, já tá namorando. Logo, logo vou ser bisavô... tô com essa pressa toda. Então, hoje tem um tratamento diferente. Minhas filhas. Todas elas formadas. Todas elas com uma vida mais ou menos estabilizada. Estudam em escola particular. Têm uma educação bem diferenciada da que eu tive na minha infância, eu e meus irmãos e em função, hoje, de tudo isso elas estão crescendo com uma formação melhor da que nós tivemos no passado, e eu como avô, né? [...] Ah! Eu fico entusiasmado quando amigos conversam com a gente... Eu fico entusiasmado quando eu falo dos meus netos, das minhas netas. Que o meu neto toca violão, que o meu neto aprendeu a mexer o computador. Então eu sou... realmente eu sou apaixonado pelos meus netos. [...] a vida tem muito significado, muito bom.

Na fala dos avôs Álvaro e André, quando os filhos não tem filhos, há uma limitação da família, da continuidade.

[...]É muito importante, né? Porque você vê que o seu nome, a sua prole, enfim, tá limitada só nos filhos, e de repente aparece outra pessoa e que leva o seu nome. É muito bom isso, né? Que não ficou limitado, né? Por exemplo, a Karla não casou. A minha outra filha. Nem o rapaz também não. Bem só ela, a primeira, a Mariane. Então fico bem contente, feliz. Me dá felicidade. Me causou felicidade e sou feliz por isso. Que agora eu sei que não sou só eu. Não vai ser eu e os meus filhos. Vai ter uma neta e ainda vai ter mais pessoas que vão surgir, enfim... relacionados à minha pessoa. É bom.(Sr. Álvaro).

[...] Quem tem um filho que não casa ou uma filha que não casa fica limitado àquilo. Pronto, acabou a família, é aquilo... mas se ele tem netos. Oh, a coisa fica... amplia muito, né? Aí os netos também... os

filhos e netos têm muitos amigos, e você se envolve com todos eles, entendeu? (Sr. André).

Os vínculos e a intimidade

A intimidade, a partir da convivência com os netos, possibilita melhor comunicação e entendimento da linguagem quanto ao relacionamento. Os netos aos quais o Sr. Breno refere-se à intimidade e a informalidade da relação são filhos da filha, e estiveram durante a entrevista.

[...] os netos que eu mais convivo é com eles porque moramos juntos desde que ele tinha um ano... [...] seis a sete anos, convivemos juntos [...] tem tudo isso, é um convívio mais normal, sem muita formalidade também. [...] eu tenho mais intimidade com eles, eles me conhecem mais, eles têm mais intimidade comigo. [...] eu me torno criança, compreendo bem a linguagem, a brincadeira deles, e eles conversam comigo e me chamam de velho, me chamam pra jogar[...]

Em relação aos netos, filhos do filho, há distância na convivência, levando o filho a sentir ciúmes da relação com os outros netos.

O outro lá tem menos, encontramos menos. E quem resente não são os netos, são os filhos. [...] existem ciúmes, porque eu convivo com eles, que eu tenho mais intimidade com eles, eles me conhecem mais, eles têm mais intimidade comigo. Mas eu tenho um relacionamento bom com os meus netos e tão intenso quanto os que convivem comigo. [...] Também é um casal. O neto mais velho tem cinco anos e a neta tem três anos. Um pouquinho mais abaixo... que o meu filho casou depois. (Sr. Breno)

O Sr. André descreve cada neto a partir dos filhos. À medida que dava seu depoimento apontava para as fotos dos netos que estavam perto aqueles com os quais mais convive moram em Ilhabela e em São Paulo. A partir do caminho trilhado anteriormente pelo filho, que possui uma identificação com o estilo de vida “natural”, fala do neto que mora longe da cidade:

[...]O Paulo tem um filho chamado Luís. [...]era publicitário, enjoou de trabalhar. [...]era produtor de rádio e tv nas agências de publicidades. [...]não sei por que, sempre foi meio hippie [...]enjoou da cidade. [...]tava ganhando bem. [...]Então ele comprou com um rapaz 100 mil m² de terra.[...] Imagina uma loucura. Uma montanha inteira lá. É um bocado de terra, né?[...] A vida bem... é como é que se diz... bem... natural. A vida é muito natural. [...] como ele construiu a casa dele ele se transformou num construtor. Comprou torneira, comprou caminhão, comprou isso, comprou aquilo... e virou construtor. Faz construção na região. E a mulher dele é artesã, artista plástica. Faz decoração, faz um monte de coisa. E eles estão vivendo felizes lá. E o Luís está seguindo o mesmo estilo do pai. Também faz, constrói. Então, esse é o Luís.

Ao falar dos netos mais próximos, comenta que o momento de maior convivência se deu a partir do falecimento do filho. Apesar de morarem próximos e se verem com uma certa frequência, a convivência se intensificou após a perda do filho, o que o levou a assumir algumas funções semelhantes às da paternidade.

A Luiza, que tem dois filhos: Priscila e Ruy. [...] muito bem sucedida na vida.[...] Fez psicologia e fez mestrado no exterior e doutorado na PUC. [...] ela tem dois filhos, mas ficou viúva. Eu morava no Rio e quando eles tinham quatro e cinco anos e sem falar a 8 anos que eles falavam sempre: “Ah, venha pra São Paulo, venha pra São Paulo, venha pra São Paulo, venha pra São Paulo”. Aí eu decidi em 80 vir pra São Paulo. Em janeiro de 80 eu vim pra São Paulo. Aí em fevereiro ela ficou viúva, olha aí. Que coisa incrível, né? [...]Aí ele faleceu e aí houve uma convivência muito grande com os netos. Aqueles dois lá. Ruy e Priscila tinham quatro e cinco anos, aí quando

ele morreu. Aí eu ia levar eles pra escola. Eu a Maria Luiza. A Maria Luiza também ia à escola pra conviver com eles também. E cresceram muito unidos com a gente esses dois aí. Hoje eles estão: ela fez turismo, é gerente de entretenimento de um hotel multinacional. Ele é fisioterapeuta.

Em relação aos netos que moram em Ilhabela, o avô elenca algumas características: apesar de morarem em outra região, as visitas são mensais e contínuas.

E esses dois aí tão estudando. Tão morando em Ilhabela.[...] A Lilian gosta muito de teatro. O Marcos também faz capoeira e estuda lá o 1º grau, né? Ele é mais preguiçoso então tá em recuperação. Mas ele é muito vivo, muito esperto, muito amoroso[...] Vou lá na Ilhabela de vez em quando. Uma vez por mês tô sempre lá. Eu, a Maria Luiza, a gente fica lá três, quatro dias. De vez em quando eles vêm aqui também. É uma convivência permanente.

Lembrança marcante de um momento com seus netos

O Sr. Breno associa os momentos marcantes com os netos à perda da sua esposa. Entre os netos, diferentes maneiras de elaboração do luto pela avó. Durante o depoimento a neta o interrompem algumas vezes com perguntas sobre o “lápis de cera que quebrou” durante um desenho que fazia naquele momento.

[...] Faz dois anos e meio que a minha esposa faleceu. Perturbou toda a família [...], principalmente o menino. Afetou demais... é uma coisa que ele não fala. Ele não toca no assunto. A gente sabe que não tá bem, quando tem qualquer acontecimento que tenha de doença. Quando acontece ele se cala novamente[...] Ela fala... “oh! a lua, a lua. Já saiu a lua, a vó apareceu”. A lua ela chama de vó. A vó tá olhando. Quando a gente anda de carro, parece que a lua acompanha o carro. “A lua, a vó vem vindo atrás”. E ela falou naturalmente no começo [...] Então quando tem dia de lua é uma alegria [...]. Agora o menino não fala. Ela pega e fala. Avó isso, aquilo. Conta história,

sonhos que ela tem, ela conta. Então ela é mais extrovertida neste ponto. Agora o menino guarda pra si. [...] E então, em casa, quando a mãe fica de cama, ou o pai, um dia foi sofrer uma cirurgia, foi pro hospital, ou minha cunhada que também frequenta muito a casa. Teve que fazer um tratamento, né? Aí também ele se cala e começa a aparecer os tiques, né? Um tipo de tique nervoso. Irritação. Aí a gente já sabe que ele já lembra da avó. Então isso marcou demais essas crianças. Uma de um lado é relativamente bom, pelo que ela vê, que ela consegue enxergar. Agora o outro não, se cala, então o sofrimento é grande.

Destaca o monte de que, apesar das diferenças religiosas, reza com seus netos. O sujeito enfatiza o fato por ser católico praticante.

[...]É que eu sou cristão praticante, rezo, tenho comunidade. A minha filha não é muito de igreja e o meu genro é muçulmano. Então os meus netos não são batizados. Esses dois não são batizados. Então não tem uma fé aí. E eu não gosto de interferir, principalmente numa questão de fé. Forçar com o meu genro pra batizá-los ou deixar que eu os leve à igreja. [...] mas eu em casa, eu rezo diariamente, toda manhã, e os dois rezam a oração comigo. Rezam um Pai Nosso, uma Ave-Maria. Raissen fala, a Ave-Maria vamos rezar por quem. A menina sempre pra vovó, pra vovó... e o menino não fala muito. Eu externo vamos rezar pra mamãe e papai não ficarem tão cansados do trabalho, essas coisas. Eu quando eu posso fazer é isso é ensinar a orar e fazer orar comigo. Nós acabamos de orar aqui... e isso faz parte também da nossa vida. Que coisa boa. O resto é o dia-a-dia. O bom aqui é que não tem muito choque. O fato do meu genro ser muçulmano e a minha filha ser católica, mas não praticante. Não existe um choque entre eles. De ficar sempre em atrito. Então a casa relativamente vive em paz. E às vezes isso não é fácil. Todo lugar tem seus atritos, tem suas dificuldades. Pra educar seus filhos também é complicado e o que é mais complicado, é educar as crianças. Mas graças a Deus uma felicidade. Aqui a gente vive numa certa tranqüilidade. O meu filho também vive bem as... tem as diferenças também, mas vive relativa tanto então a nossa vida não tem muitos altos e baixos. E o dia-a-dia que vem por aí. (Sr. Breno).

O Sr. Pedro, ao se referir às lembranças marcantes, fala da neta mais velha. Ela convivia mais com os avós do que com os pais, associando essas lembranças ao período em que convivia com a ex-esposa.

Tenho, tenho sim... Da minha neta, porque a minha neta... quando eu convivía com a minha esposa, né? Essa minha neta é a neta mais velha. Eu tinha uma casa de praia. Ela vivia quase todo fim de semana no meu lado. Nós íamos pra Bertiooga, onde tem a casa de praia. A menina ia dormindo e quando faltavam cem metros de distância de chegar na casa ela acordava de alegria. Ela convivía mais com os avôs do que com os próprios pais.

O Sr. Álvaro, por ter uma neta, revela que todos os momentos com a mesma são marcantes, principalmente o dia em que ela nasceu.

Olha, todas as lembranças com ela são marcantes. Quando ela nasceu eu a vi, né? A primeira vez que eu a vi e eu realmente sempre tive a felicidade de estar envolvido, não? Em todos os estados, enfim, que ela cresceu até agora... Vai fazer sete anos. E eu sou feliz por isso.

O Sr. André destaca o momento da perda de seu genro como o momento mais marcante e difícil para a família. A partir daí convive intensamente com seus netos, que sofreram a perda do pai.

O momento marcante foi ... eu senti... uma dor muito grande quando eu estava aqui. Eu morei, eu mudei pra cá em janeiro e em fevereiro o pai do Ruy e da Priscila faleceu... e eu vivi aqueles momentos todos, né? Muito... muito penalizado, que puxa vida perder o pai com quatro e cinco anos. Sem ter lembranças de convivência. Eles não têm. Num têm lembrança de convivência. Lembram mais de mim, que do pai. De quatro e cinco anos pra cá eu sempre fui presente, levando na escola, trazendo, levando, trazendo, né? Então foi uma convivência muito forte até hoje.

Ser avô dá significado à vida

O Sr. Breno fala que ser avô dá sentido à vida, considerando tudo isso um presente de Deus.

Ser avô é dar sentido. Dá sentido a ter sido pai, dá sentido em viver, ser irmão de comunidade. Dá sentido correto no trabalho de alguém. [...] Ser avô é um presente de Deus. Não um presente por méritos meus, que tive filhos, e por isso que eu tenho netos, não... foi Deus quem permitiu que eu tivesse netos.

O Sr. Pedro comenta que ser avô é como algo recompensador de todos os feitos durante a vida

Ser avô. Ser o homem que sempre trabalhou. Tem os altos e baixos da vida de qualquer um. Que é o meu caso eu dei tanta cabeçada na minha vida, não por mim, mas pelos outros. Com a presença dos netos vai absorvendo aquela coisa ruim, que as virtudes esconde os defeitos.[...] (Sr. Pedro).

Já para o Sr. Álvaro, a continuidade concreta por meio da transmissão do nome da família dá significado à vida, associando a etapas da experiência, renovando as perspectivas.

[...] Dá significado à vida. Ser vó a gente sai de um estado porque até antes de ser vó há uma etapa aí que a gente tá meio... no meu caso eu estava doente. Mas mesmo assim os anos passariam. Então, quando a gente se sente vó, passa a mudar. Há alguma coisa de novo na vida da gente. E como a gente se movimenta mais. Assim, as perspectivas e tudo, são novas. É muito feliz ser avô pra mim. Não sei que outra coisa tem.

O Sr. André comenta que ser avô significa experiência pessoal e sentimental. Ou seja, a vivência da avosidade para o sujeito tem a ver com a experiência da existência. O sujeito enfatiza a importância da convivência intergeracional.

[...] Dá uma experiência pessoal... [...] Dá grandes experiências [...] é... sentimental. Dá grande experiência sentimental, vivência e enfim, distrai, distrai muito [...] A gente viaja muito, porque cada neto tem uma opção, um gosto, um desejo, uma preferência. Então a gente é se diverte com isso tudo... é muito divertido ser avô. É divertido e gostoso ser avô.

Durante todo o processo das entrevistas pude observar, pelas falas e expressões, homens satisfeitos com a experiência da avosidade, relacionada a um forte sentimento de paternidade.

**NEM PARA TRÁS, NEM PARA A
FRENTE, MAS PARA O LADO**

Esta pesquisa proporcionou uma intensa reflexão sobre a avosidade e o envelhecimento masculino. Inicialmente havia desejo em obter respostas imediatas, afastando-me da riqueza maior da metodologia qualitativa, que representou o encontro de minhas inquietações e limitações teóricas com novas possibilidades a partir da experiência pessoal dos entrevistados.

Durante esta pesquisa foi importante ressaltar a discussão sobre a masculinidade, sugerindo que o avô, como homem, ocupa lugar de admiração. Nas entrevistas se coloca em uma postura de proteção quanto aos netos. Ou seja, ser avô está associado a um forte sentimento de paternidade, muitas vezes idealizado como um “herói”.

A partir dos depoimentos dos avôs foi possível perceber que a velhice e o processo de envelhecimento não seguem padrões, o que demonstra possibilidades de sensações e vivências sobre uma mesma experiência. Entender a disponibilidade de convivência entre os avôs e os netos teve a relevância de adentrar no que Lent chama de “Terra de Ninguém”. Diz a autora:

“Cair na Terra de Ninguém é descobrir o jardim das proibições, aquilo implicitamente velado a nosso conhecimento por nossas próprias circunstâncias existenciais. Tomamos como verdades primárias aquilo que, na estadia na Terra de Ninguém reconhecemos como regras do jogo, regras de interação, atributos de um lugar e de uma época em que viemos ao mundo e, mais próximo a nós ainda, atributos de nosso círculo familiar. Tudo o que *faz* sentido. Estamos apenas impedidos, habitualmente, de lembrar que fazer sentido é um *fazer*, um confeccionar aquilo que não vem dado”. (LENT, 1993, p.37).

O cotidiano dos avôs e netos revela-se um processo de construção de significados para ambos. Tanto avô como neto ocupam um lugar significativo nessa relação que se constrói dia

a dia. As brincadeiras, as ambivalências, as trocas, conversas e cumplicidades buscam um ideal de afeto, reciprocidade, acolhimento e respeito.

Foi possível observar investimento na relação avô-neto livre de preconceitos. Conforme Bosi (1983), não há uma preocupação com o que é próprio para crianças, pois conversam de igual para igual.

Percebeu-se que para os avôs a velhice e o envelhecimento estão relacionados a um processo contínuo. As vivências podem ser consideradas patrimônio de experiências ou são sinônimo de perdas. Entretanto, observam-se novas atitudes dos entrevistados frente à avosidade.

Sobre a convivência com os netos, os avôs falam de amizade, cumplicidade, respeito e satisfação em poder tê-los por perto, proporcionando maior liberdade de expressão, sem formalidades.

No caso deste estudo observou-se que os avôs concentram entusiasmo pelas novas experiências que lhes chegam através de seus netos, devendo considerar que existem diferenças na intimidade por parte dos avôs, no caso de avôs e netos que moram na mesma casa e que moram em casas separadas, entre os netos que visitam com frequência e os que moram em outras cidades, entre os primeiros netos e os mais novos.

Percebeu-se que existem diferenças entre ser avô e ser pai, como pais eram mais rígidos e como avôs proporcionam liberdade de expressão, criatividade e brincadeiras.

Foi importante conhecer as memórias que os entrevistados possuem, relativas aos próprios avôs, bem como o valor que dão aos netos, que representam o processo de continuidade da vida. Esses sentimentos, quando expressos em suas falas, transpareciam suas expressões não-verbais.

A realização desta pesquisa fez-me compreender que tornar-se avô significa um exercício cotidiano, um processo. As perspectivas se renovam. Levou-me a entender que se por um lado os netos possuem significado para o cotidiano, por outro os avôs ocupam lugar de mesma relevância. Durante o processo da pesquisa, inquietou-me uma questão: o acontece quando os netos crescem?

O questionamento surgiu durante as entrevistas. Havia uma queixa sutil na fala de um dos entrevistados, ao comentar que sente saudades dos períodos em que a neta acompanhava quando era menor.

Em outros estudos encontram-se questões que remetem ao relacionamento entre pais e filhos, e a maneira de como as relações se modificam à medida que ambos sofrem mudanças sociais, culturais, econômicas e biológicas. Seria possível observar essas mudanças entre avós e netos?

Assim, à medida que os avôs possuem referência significativa para os netos, o relato de suas memórias e experiências repassadas pode se revestir de sentido singular, recuperando a pertinência perdida. Como afirma Oliveira, “a cultura não chega a elas como um saber exterior, auto-suficiente, divorciado das coisas miúdas, sem nexos com o que é vivido”. (1999, p.20).

“Algumas crianças crescem e se tornam pragmáticas e sofisticadas – e, embora amáveis, um pouco cansadas das nossas histórias – e um pouco sarcásticas em relação a nossa voz cansada. Mas você me pede que lhe conte histórias e se delicia com minhas canções! Que Deus o abençoe!” (PAM,1997, p.24).

“TERRA DE NINGUÉM..”

O envelhecimento e a velhice têm-se tornado o foco de investigação de inúmeras áreas, como a antropologia, economia, psicologia, demografia, entre outras. Desta maneira, ao iniciar a pesquisa minhas perspectivas eram compreender como o universo masculino encara o envelhecimento.

A inquietação aumentava à medida que ouvia e aproximava-me dos estudos que mencionavam o processo de “feminização” do envelhecimento. De acordo com dados demográficos do IBGE, essa tem sido a tendência de crescimento populacional relativo aos idosos.

A compreensão do envelhecimento do homem idoso diante das estimativas proporcionais ao envelhecimento da mulher, tem adquirido um grau de importância à medida que a longevidade se evidencia.

“As mulheres brasileiras vivem, em média, oito anos a mais que os homens. Por isto, muitas idosas responsáveis pelos domicílios (93%) vivem sem o cônjuge, mesmo que ainda morem com filhos ou outros parentes”. (IBGE, 2000).

Em 1980, a esperança de vida ao nascer corresponde a 59 anos para homens e 65 anos para mulheres, ou seja, a chance de vida a mais que os homens é de sete anos. Em 2000, a diferença passou para oito anos. Estima-se que em 2020, a diferença caia para sete anos e em 2050, para seis anos.

No estado de São Paulo 2,38 milhões de idosos são chefes de família; 43% das mulheres chegam a sustentar lares inteiros. Porém, nada justifica o abandono dos estudos sobre o envelhecimento do homem.

Paralelamente a este estudo a obra de Fausto, de Goethe, me fez companhia, bem como outras que surgiram no decorrer da pesquisa. Contudo, é importante comentar que a qualidade da companhia, que me é familiar desde a adolescência, facilitou-me identificar os possíveis da vida, relacionados a diversos questionamentos, mudanças e retornos. E a cada momento que relia a obra nova experiência se dava.

Lopes (1990, p.8) aponta a qualidade que a obra literária pode gerar no estudo:

“Dela me sirvo para entender as questões individuais e universais, que temporariamente a vida não consegue decifrar; é ela detentora de um conjunto de imagens que me ajudam a ampliar a percepção mais imediata. É como se através do belo, do envolvente, do desejo projetado para a frente, pudesse ter uma visão mais diferenciada do cotidiano”.

Minha intenção não foi debruçar-me em uma análise profunda sobre a obra. Mas a partir de identificações com o tema pensar em possibilidades do masculino, do envelhecimento e dos significados suscitados a partir da experiência do cotidiano. “Assim, a revelação que a obra nos propicia segue o caminho do envolvimento emocional e de um raciocínio, cujo percurso nem sempre apreendemos de imediato”. (LOPES, 1990, p.10).

Em vários momentos da construção deste trabalho, os conflitos e as dúvidas foram direcionados para uma elaboração dos mesmos, como desvio das resistências que se levantavam.

Durante o estudo foi importante considerar que além dos aspectos aprendidos durante a formação cultural e social, o homem envelhece diferentemente da mulher. Penso que seja devido aos padrões culturais que se impõem para os homens e para as mulheres, considerando

que o ambiente social reforça algumas funções masculinas, como a competitividade e a força, bem como as femininas relacionadas à delicadeza e à sensibilidade. Ainda que esses modelos tenham sido desconstruídos com o pós-modernismo, existe uma predominância quanto a este modelo de relação. Acontece que há muito, este foi obrigado cultural e socialmente a abrir mão de seus sentimentos, valor posto em questionamento.

Jablonski considera que a imagem do homem vem se convertendo a partir do processo da emancipação feminina, afirmando:

“Um conjunto de sentimentos, atitudes, cognições e padrões comportamentais fixados por longa data em torno do poder e da responsabilidade econômica e política da sociedade vem sendo questionado. Expectativas normativas solidamente incorporadas cultural e historicamente, que valorizavam no homem a *instrumentalidade*, em detrimento da *expressividade*, parecem suspensos (prestes a desabar) no ar rarefeito da pós-modernidade”. (1999, p.56).

Com efeito, o homem vem sendo transformado em seus padrões comportamentais. O que antes era “próprio” do homem passa a ter maior flexibilidade, no âmbito dos valores sociais, culturais e familiares.

Outro ponto que inquietou-me durante o desenvolvimento da pesquisa, sobretudo durante as entrevistas, foi o contato com homens que passaram por cirurgias de porte e situações que exigiram processo de recuperação delicado. A importância do investimento pessoal que percebi nas entrelinhas das entrevistas e no que os satisfazem, afasta quaisquer formas de estereótipos que associem a velhice à doença.

Levar uma vida saudável pode significar de diversas maneiras para o velho um desejo de bem-estar, relacionado não somente às questões orgânicas ou fisiológicas, mas ligadas às

situações que favoreçam uma sociabilidade, afastando-o do isolamento, evitando uma diminuição da auto-estima. Como no caso do Sr. Álvaro, ao comentar que a presença da neta e de um cachorrinho o ajudou na recuperação posterior ao acidente vascular cerebral (AVC) que sofreu.

Ao me envolver com o tema, percebia que questões como a aposentadoria, relações familiares e sexualidade também permeiam o tema da masculinidade, sobretudo quando se fala nas relações de trabalho.

As motivações que levaram-me a abordar a avosidade masculina foram as poucas investigações produzidas a respeito do envelhecimento masculino. Muitos trabalhos têm se concentrado em depoimentos de mulheres idosas.

Por outro lado, entre os estudos sobre a temática do homem idoso foram encontradas diversas perspectivas, como aposentadoria e a dificuldade em aceitá-la, estereótipos a respeito da sexualidade na velhice, bem como trabalhos que demonstram a maneira que o homem idoso adere a tratamentos relativos à saúde. E como a velhice para o homem pode tomar caminhos inesperados. Sabe-se que todos esses aspectos também podem ser encontrados em pesquisas sobre as mulheres, porém ainda é relevante conhecer o que os homens têm a dizer em relação ao envelhecimento e à velhice.

Deve-se considerar uma nova visão sobre as possibilidades do homem, o que indica uma vivência também diferenciada do seu processo de envelhecimento, especificamente junto aos netos. A importância do intercâmbio de experiências entre as gerações levou-me a buscar compreender o que pode representar para os avôs essa convivência com os netos. Acredito

que as reflexões sobre seus vínculos favorecem ao homem idoso um processo de aprendizagem e/ou de consciência de sua existência e de sua continuidade atribuída aos netos, ressignificando seu momento presente.

A partir do olhar dos entrevistados, a vivência da avosidade está muito relacionada aos sentimentos de paternidade. A satisfação em proporcionar maior liberdade de expressão pela amizade, intimidade e convivência, se estabelece uma constante nos depoimentos. Como diz o Sr. André: “A avosidade vai além da paternidade”.

Quando comecei a pesquisa não imaginava a proporção das mudanças e transformações que se revelariam no decorrer da construção de imagens e conceitos. Ou seriam desconstruções? Vinha-me a “sensação de haver perdido tudo, quando, curiosamente, estava tudo ali...”. (LENT, 1993, p.31).

Na verdade, o conhecimento sempre esteve ali e através do desejo e da vontade deixei-me atrair pelo tema. Contudo, ao perceber que o tema é inesgotável, despertei para reflexões sobre os inúmeros limites de parceria avôs-netos. E em termos de perspectivas oferecem limites claros, pois netos crescem, e a tendência seria a dos mais velhos tornarem-se fisicamente necessitadas de apoios específicos. Pergunto: será sempre uma cumplicidade proveitosa para as duas partes?

ANTOUN, M. **Avós Idosos e Formação de Identidade**. Dissertação de Mestrado em Psicologia . Universidade São Marcos, São Paulo, 2004.

ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro:LTC, 1981.

BARROS, M. L. de B. Envelhecimento, Cultura e Transformações Sociais. In: Py, L. (et al.). **Tempo de Envelhecer: percursos e dimensões psicossociais**. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2004.

_____. **Autoridade e Afeto: avós, filhos e netos na família brasileira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

BEAUVOIR, S. **A Velhice – II. As Relações com o Mundo**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BECKER, H. S. A História de Vida e o Mosaico Científico. In: **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Hucitec, 1999.

BOSI, E. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983.

CERVANTES, M. **Dom Quixote**. Texto em português de Orígenes Lessa. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

DAL RIO, M. C. **O Trabalho Voluntário: uma questão contemporânea e um espaço para o aposentado**. São Paulo: Ed. Senac, 2004.

DURHAM, E. R. Família e Reprodução Humana In: DURHAM et al. **Perspectivas Antropológicas da Mulher**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

FERIANCIC, M. M.. **Sexualidade e Velhice: um estudo das representações masculinas**. Mestrado em Gerontologia. PUC/SP, 2003.

FRANCO, M. L. P. B “Estudo de Caso” e a Análise Quantitativa/Qualitativa In: **Ensino Médio: Desafios e reflexões**. Campinas: Papirus, 1994. (p. 151-180)

FRANKL, V. **Psicoterapia para Todos**. Petrópolis: 1991.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LCT, 1989.

GILMORE, D.D. **Hacerse Hombre: concepciones culturales de la masculinidad**. Buenos Aires: Paidós, 1994.

GOETHE, J. W. **Fausto**. 2003. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.com/nacionais/ebooklibiris.html>> Acesso em: 15 set. 2004, 02:10:01.

GODOY, M. P. **A Busca pela Emancipação: identidade do homem idoso**. Mestrado em Psicologia Social. PUC/SP, 2004.

GOLDFARB, D. C. **Corpo, Tempo e Envelhecimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

GRIFFA, M.C. & MORENO, J.E. **Chaves para a Psicologia do Desenvolvimento, tomo 2: adolescência, vida adulta, velhice**. São Paulo: Paulinas, 2001.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2000.

IBGE: Perfil do Idoso Responsável pelos domicílios no Brasil – 2000. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/datas/idoso/perfil_idosos.html>. Acesso em: 27 set. 2004, 10:00:00.

JABLONSKI, B. Identidade Masculina e o Exercício da Paternidade: de Onde Viemos e para Onde Vamos In: Féres-Carneiro, T. (Org.). **Casal e família: entre a tradição e a transformação**. Rio de Janeiro: Nau, 1999. p. 55-69.

KOLYNIK, H. M. R. “Uma Proposta de Metodologia em Investigações Psicossociais: tipicidade ou representatividade?” In: **Anais da ABRAPSO**. São Paulo, 1996.

LENT, C. L. A Mutação Psíquica: do Particular ao Universal. In: **Transformação**. São Paulo: Ed. Diferença, 1993.

LÉVI-STRAUSS, C. **As Estruturas Elementares do Parentesco**. Petrópolis: Vozes, 2003.

LOPES, R. G. da C. **Velhos “Indignos”: Investigação a Respeito do Projeto de Vida de Idosos que se Mantêm Socialmente Ativos**. Dissertação de Mestrado. Programa de Psicologia Social, PUC-SP, 1990.

_____. **Saúde na Velhice: As interpretações sociais e os reflexos no uso do medicamento**. São Paulo: Educ, 2000.

_____. **Os Idosos na Intimidade Familiar In: A Intimidade Familiar no Limiar do Novo Milênio: Fechar-se ou Abrir-se? – In XXXVII Congresso Nacional da Escola de Pais do Brasil.** São Paulo: Ed. Marco Markovitch/Escola de Pais do Brasil, 2001.

LOPES, R. & CALDERONI, S. **O Idoso e a Família no Alvorecer do Novo Milênio In: A Família Educando para a Paz - XXXVIII Congresso Nacional da Escola de Pais do Brasil – 96.** São Paulo: Ed. Marco Markovitch/Escola de Pais do Brasil, 2002.

MACIVER, R. & PAGER, C. **Comunidade e Sociedade como Níveis de Organização da Vida Social.** In: FERNANDES, F. **Comunidade e Sociedade.** São Paulo: Cia. Ed. Nacional/Edusp, 1973.

MARDEGAN JÚNIOR, E. **A Idade do Lobo.** São Paulo: Mercuryo, 1993.

MARTINS, J. **Não Somos Cronos, Somos Kairós.** In: Revista Kairós: **Gerontologia. Ano 1, n 1.** São Paulo: Educ, 1998.

MERCADANTE, E. F. **Construção da Identidade e da Subjetividade do Idoso.** Tese de Doutorado em Ciências Sociais. PUC/SP, 1997.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MESSY, J. **A Pessoa Idosa Não Existe: uma abordagem psicanalítica da velhice.** São Paulo: Ed. Aleph, 1999.

MINAYO, M. C. S. **O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde.** São Paulo: Hucitec/Abrasco, 1999.

NOLASCO, S. **O Mito da Masculinidade.** Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

OLIVEIRA, P. S. **Vidas Compartilhadas: Cultura e Co-educação de Gerações na Vida Cotidiana.** São Paulo: Hucitec/Fapesp, 1999.

PACHECO FILHO. **A Psicanálise e as mulheres e homens de “uns tantos quantos anos” In: REVISTA KAIRÓS. Caderno Temático 2: Psicogerontologia, contribuições da Psicanálise ao envelhecimento,** 2002, pp.71-89.

PACHECO, J. L. **Trabalho e Aposentadoria.** In: Py, L. (et al.). **Tempo de Envelhecer: percursos e dimensões psicossociais.** Rio de Janeiro: NAU Editora, 2004.

PAM, B. **Para Meu Neto.** Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.

SAIS, A. P. **Coisas de Velho: Coisas de Vida.** Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica. PUC, São Paulo, 1995.

SANTAELLA, L. **Comunicação e Pesquisa.** São Paulo: Hacher Editores, 2001.

SCATENA, R. “**Não me Sinto Velho...**” **Experiências do gênero masculino na velhice.** Mestrado em Serviço Social. PUC, São Paulo, 2001.

SCHONS, C. R. & PALMA, L. T. S. (Orgs.). **Conversando com Nara Costa Rodrigues sobre Gerontologia Social.** 2ª ed. Passo Fundo: UFP, 2000.

REDLER, P. **Abuelidad. Más Allá de La Paternidad.** Argentina: Ed. Legasa, 1986.

RODRIGUES, C. L. **O Homem de Pijama: o imaginário masculino em relação à aposentadoria.** Dissertação de Mestrado. PUC, São Paulo, 2000.

ROSA, J.G. **Ooó do Vovô! : correspondência de João Guimarães Rosa, vovô Joãozinho, com Vera e Beatriz Helena Tess: de setembro de 1966 a novembro de 1967.** São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: Editora PUC/Minas; Imprensa Oficial de São Paulo, 2003.

VELHO, G. **Cultura Enquanto heterogeneidade: biografia e experiência social.** In: **Subjetividade e Sociedade – uma experiência de geração.** Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

ALMEIDA, V.L.V.; GONÇALVES, M.P. & LIMA, T.G. **Direitos Humanos e Pessoa Idosa: publicação de apoio ao Curso de Capacitação para a Cidadania: Atenção e Garantia dos Direitos da Pessoa Idosa.** Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2005.

ALVES, R. **As Cores do Crepúsculo: a estética do envelhecer.** Campinas: Papirus, 2001.

AMATUZZI, M. **Por Uma Psicologia Humana.** Campinas: Alínea, 2001.

ARANTES, R.P.G. **Velho com Novo Olhar: a informática redimensionando as relações.** Dissertação de Mestrado em Gerontologia. PUC/SP, 2000.

AYAMA, S. **Coração Atingido: o significado da revascularização do miocárdio para um paciente octogenário.** Mestrado em Gerontologia. PUC/SP, 2003.

BAUER, J. **O Anjo da Guarda do Vovô.** São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

BEAUVOIR, S. **A Velhice – I. A Realidade Incômoda.** São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BERLINCK, M. T. A Envelhescência In: **Boletim de Novidades Pulsional, ano IX, nº1,** 1996.

BERNARDO, T. **Memória em Branco e Negro: Olhares sobre São Paulo.** São Paulo: Educ/Unesp, 1998.

BERTHOUD, C.M.E., BROMBEG, M.H.P.F. & COELHO, M.R.M. **Ensaio Sobre a Formação e Rompimento de Vínculos Afetivos.** Taubaté: Cabral Editora Universitária, 1998.

BOBBIO, N. **O Tempo da Memória: de senectude e outros escritos autobiográficos.** Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

BOGUS, L., YAZBEK, M. C. & BELFIORE-WANDERLEY, M.B (Orgs.). **Desigualdade e a Questão Social.** São Paulo: Educ, 2000.

BONALUME NETO, R. **Avós que Vivem Muito Aumentam a Chance de Sobrevivência de Netos.** Folha de São Paulo. Disponível em

<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u11391.shtml>>. Acesso em: 4 mar. 2004, 10:24:00.

BUBBER, M. **Eu e Tu**. São Paulo: Centauro, 2004.

CARSON, L. **A Importância dos Avós: como se tornar uma referência positiva na vida dos netos**. São Paulo: Paulinas, 2001.

CARTER, B., McGOLDRICK, M. & Cols. **As Mudanças no Ciclo Familiar - Uma estrutura para terapia familiar**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CECCARELLI, P. R. A Construção da Masculinidade. In: **Rev. Percurso**, São Paulo, Vol. 19, p. 49-56, 1997.

CECCARELLI, P. R. A Masculinidade e seu Avatares. In: **Catharsis**, São Paulo, ano IV, 19, 10-11, maio/junho, 1998. Disponível em <<http://www.ceccarelli.psc.br/artigos/portugues/html/amasculinidade.htm>>. Acesso em: 26 jun. 2004, 02:57:00.

CIAMPA, A. da C. **A Estória de Severino e a História de Severina**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

DEBERT, G. G. **A Reinvenção da Velhice**. São Paulo: Edusp, 1999.

DEMO, P. **Política Social, Educação e Cidadania**. São Paulo: Papirus, 1994.

DIAZ, C. & SILVA, D. Os Avós: Uma Revisão da Literatura nas Três Últimas Décadas In: T. (Org.). **Casal e família: entre a tradição e a transformação**. Rio de Janeiro: Nau, 1999. p. 118-149.

DOR, J. **O Pai e sua Função em Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

ENGELS, F. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

ESTATUTO DO IDOSO. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Publicado no Diário Oficial da União de 3 de outubro de 2003.

FARIA, D. L. **O Pai Possível: conflitos da paternidade contemporânea**. São Paulo: Educ/Fapesp, 2003.

FOUCAULT, M. **L'Herméneutique du sujet – Cours au Collège de France, 1981-1982.** Édition établie sous la direction de François Ewald et Alessandro Fontan, par Frédéric Gros. Paris, Gallimard/euil, 2001 (p. 104-108).

FRANKL, V. **Psicoterapia e Sentido da Vida.** São Paulo: Quadrante.

FREUD, S. **A Organização Genital Infantil: Uma interpolação na teoria da sexualidade (1923).** Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969.

_____ **A Dissolução do Complexo de Édipo (1924).** Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969.

_____ **Algumas Conseqüências Psíquicas da Distinção Anatômica Entre os Sexos (1925).** Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969.

_____ **O Mal-Estar na Civilização (1930).** Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969.

_____ **Fetichismo (1927).** Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969.

GIDDENS, A. **As Conseqüências da Modernidade.** São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GOLDFARB, D.C. **Demências.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

GRIFFA, M.C. & MORENO, J.E. **Chaves para a Psicologia do Desenvolvimento, tomo 1: vida pré-natal, etapas da infância.** São Paulo: Paulinas, 2001.

HYFLICK, L. **Como e Por Que Envelhecemos.** Rio de Janeiro: Campus, 1996.

JOHNSON, R.A. **He: a chave do entendimento da psicologia masculina: uma interpretação baseada no mito de Parsifal e a procura do Santo Graal, usando conceitos psicológicos jungianos.** São Paulo: Mercury, 1987.

KAMKHAGI, D. **Um Outro, Talvez Novo Tempo: A Velhice. Dissertação de Mestrado.** PUC, São Paulo, 2001.

LACUB, R. Familia y Vejez In: **Tiempo.** N 8 – Ago. 2001. Disponível em <<http://www.psicomundo.com/tiempo/tiempo8/abuelidad.htm>>. Acesso em: 07 out. 2004, 13:26:00.

LOPES, R. G. da C. Poder Olhar, Ser Visto e Existir: Possibilidade de Revisão e Expansão da Vida na Velhice. In: **Boletim Clínico, Vol. XIII. Clínica Psicológica “Ana Maria Poppovic”**. PUC-SP, 2002.

_____. As Relações Afetivas: Família, Amigos e Comunidade In: **A Terceira Idade, ano X, nº17**, Sesc- SP,1999.

LESSING, D. **O Diário de uma Boa Vizinha**. Rio de Janeiro: Record, 1984.

LUFT, L. **Reunião de Família**. São Paulo: Siciliano:1991.

LUNA, S. V. **Planejamento de Pesquisa: uma Introdução**. São Paulo: Educ, 2000.

LUKAS, E. **Prevenção Psicológica**. Petrópolis: Vozes, 1992.

MELO NETO, J. C. **Morte e Vida Severina e Outros Poemas para Vozes**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

MILLS, C. W. **A Imaginação Sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MORIN, E. & KERN, A. B. **Terra-Pátria**. Lisboa: Instituto Piaget, (s.d.).

MORAGAS, R. **Gerontologia Social: Envelhecimento e Qualidade de Vida**. São Paulo: Paulinas,1997.

MORAGAS, R. **As Relações Intergeracionais nas Sociedades Contemporâneas**. V15,n.29, Janeiro, Sesc-SP , 2004.

OLIVEIRA, A. P. **Avós que Cuidam dos Netos por Morte da Mãe Soropositiva**. Mestrado em Gerontologia. PUC/SP, 2003.

OLIVEIRA, P.S. (Org.) “Caminhos de Construção da Pesquisa em Ciências Humanas” In: **Metodologia das Ciências Humanas**. São Paulo: Hucitec/Unesp, 2001.

PEREIRA, F. P. P. **Subjetividades Masculinas: caminhos de uma crise anunciada**. Mestrado em Serviço Social. PUC, São Paulo, 2000.

PESSOA, F. O Avô e o Neto. In: **Ficções do interlúdio (1914-1935)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, pp.81-82.

PIVETTA, M. Retratos do Entardecer. In: **Pesquisa Fapesp, São Paulo, n.87**, 2003. p.32-39.

POE, E. A. **O Homem da Multidão**. Porto Alegre: Ed. Paraula, 1993.

POLÍTICA NACIONAL DO IDOSO. Lei nº 8842, de 4 de janeiro de 1994. Publicado no Diário Oficial da União de 4 de julho de 1996.

PRATA, M. Você é um Envelhescente? In: **Gerontologia**, 1995.

RAMOS, P. R. B. **Fundamentos Constitucionais do Direito à Velhice**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2002.

ROUDNESCO, E. **A Família em Desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

SALVAREZZA, L. **El Trabajo con las Familias en la Clinica Psicogeriatrica in Psicogeriatrica**. Teoría y Clinica. Educ/Cortez: São Paulo, 1991.

SAMPEDRO, J.L. **O Sorriso Etrusco**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SCHNITMAN, D. F.(Org.). **Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

SENNETT, R. **A Corrosão do Caráter**. Rio de Janeiro/São Paulo: Ed. Record, 2003.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2000.

SOMBRA, J. C. **O Tempo: em toda parte e em parte alguma (A fenomenologia do tempo segundo M. Merleu-Ponty)**. Mestrado em Filosofia. PUC/SP, 1998.

TAMARO, S. **Vá onde seu coração mandar**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

VERAS, R. P. **A Saúde do Idoso do Brasil**. Rio de Janeiro: UERJ, 1994.

_____. **Terceira idade: Desafios para o Terceiro Milênio**. Rio de Janeiro: UERJ/UnATI, 1998.

WILDE, O. **O Retrato de Dorian Gray**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

FILMES

ALVES, A. **Acorda Raimundo... Acorda!**. Filme de Cita Ibase e Iser Vídeo , Baseado na novela de rádio de José Ignácio Lopes Vigil, Brasil, 1990.

BERNSTEIN, M.. **O Outro Lado da Rua**. Brasil, 2004.

BIANCO, R. **“homem.com.h”**. Ecos. Brasil,1998.

CAMPANELLA, J. J. **“ El Hijo de la Noiva” em português “ O filho da Noiva”**. Argentina, 2001.

CHATILIEZ, E. **“Tatie Danielle”, em português “Tia Danielle”**. França, 1993.

GOLDBERG, G. D. **“Dad”, em português “Meu Pai, Uma Lição de Vida”**. USA, 1989

IMAMURA, S. **A Balada de Narayama**. Japão, 1983.

MONICELLI, M. **Parente é Serpente**. Itália, 1993.

PAYNE, A. **Confissões de Schmidt**. Filme adaptado do romance “About Schmidt”, de Louis Begley, USA, 2002.

SOLDINI, S. **Pão e Tulipas**. Itália, (19--).

TORNATORE,G. **Estamos todos bem**. Itália, 1990.

TV CÂMERA. **A importância dos avós no psiquismo infantil**. Brasil, (s.d.).

TORNATORE,G. **Estamos todos bem**. Itália, 1990.

TV CÂMERA. **A importância dos avós no psiquismo infantil**. Brasil, (s.d.).

ANPÊNDICE A

ROTEIRO

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

Idade: _____ Estado Civil: _____

Profissão: _____

Ocupação Atual: _____

Renda mensal: _____

Moradia: Alugada ()

Própria ()

Outras () _____

Grau de Instrução:

Analfabeto ()

Ensino fundamental: Completo () Incompleto ()

Ensino Médio: Completo () Incompleto ()

Ensino Superior: Completo () Incompleto ()

Quantos membros a família possui?

O neto/neta que mais convive é filho de quem?

Formalmente Aposentado?

II – ROTEIRO DE ENTREVISTA

- O que pensa sobre o envelhecimento.
- O que pensa sobre ser avô.
- Tem alguma lembrança de seu avô ou da relação de seu pai com seus filhos.
- Falar de seus netos.
- Quantos netos tem.
- O que mais gosta de fazer com os netos.
- Existem netos que vê com mais frequência.
- Falar da importância de seus netos.
- Como descreve sua relação com seus netos.
- Tem alguma lembrança marcante de um momento com seu neto.
- Como recebeu a notícia de que iria ser avô.
- Existe diferença entre ser pai e ser avô.
- Acha que como avô extrapola esse papel.
- Qual seus sentimentos para com os seus netos.
- Ser avô é ser velho.
- Ser avô da significado à vida

ANPÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

1. Título do Projeto: “Homens Idosos Avôs: significado dos netos para o cotidiano”.
2. Essas informações estão sendo fornecidas para sua participação voluntária nesta pesquisa, que visa um estudo mais aprofundado da questão: o ser avô.
3. O senhor participará de uma entrevista individual que seguirá um roteiro orientador, elaborado pelo pesquisadora, onde serão abordados os principais tópicos relativos ao assunto da pesquisa, que será anotada e gravada em fita cassete.
4. Após todas as entrevistas realizadas, o material será analisado mediante a técnica de análise de conteúdo.
5. Em qualquer etapa do estudo, o senhor terá acesso à entrevistadora. A principal responsável é a psicóloga Aline da Silva Pedrosa, que pode ser encontrada pelo tel. (11) 8332-5009.
6. É garantida a liberdade da retirada de consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo.
7. Não será divulgada a identificação de nenhum entrevistado.
8. Não há despesas pessoais para o participante em qualquer fase do estudo.

Acredito ter sido suficientemente instruído a respeito das informações que li ou que formam lidas para mim, descrevendo a pesquisa.

Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados e as garantias de confiabilidade.

Concordo voluntariamente em participar deste estudo.

Data: ____/____/____.

Assinatura do entrevistado

Entrevistadora
Aline da Silva Pedrosa
Aluna do Programa de Estudos Pós-
Graduados em Gerontologia – PUC/SP

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)